

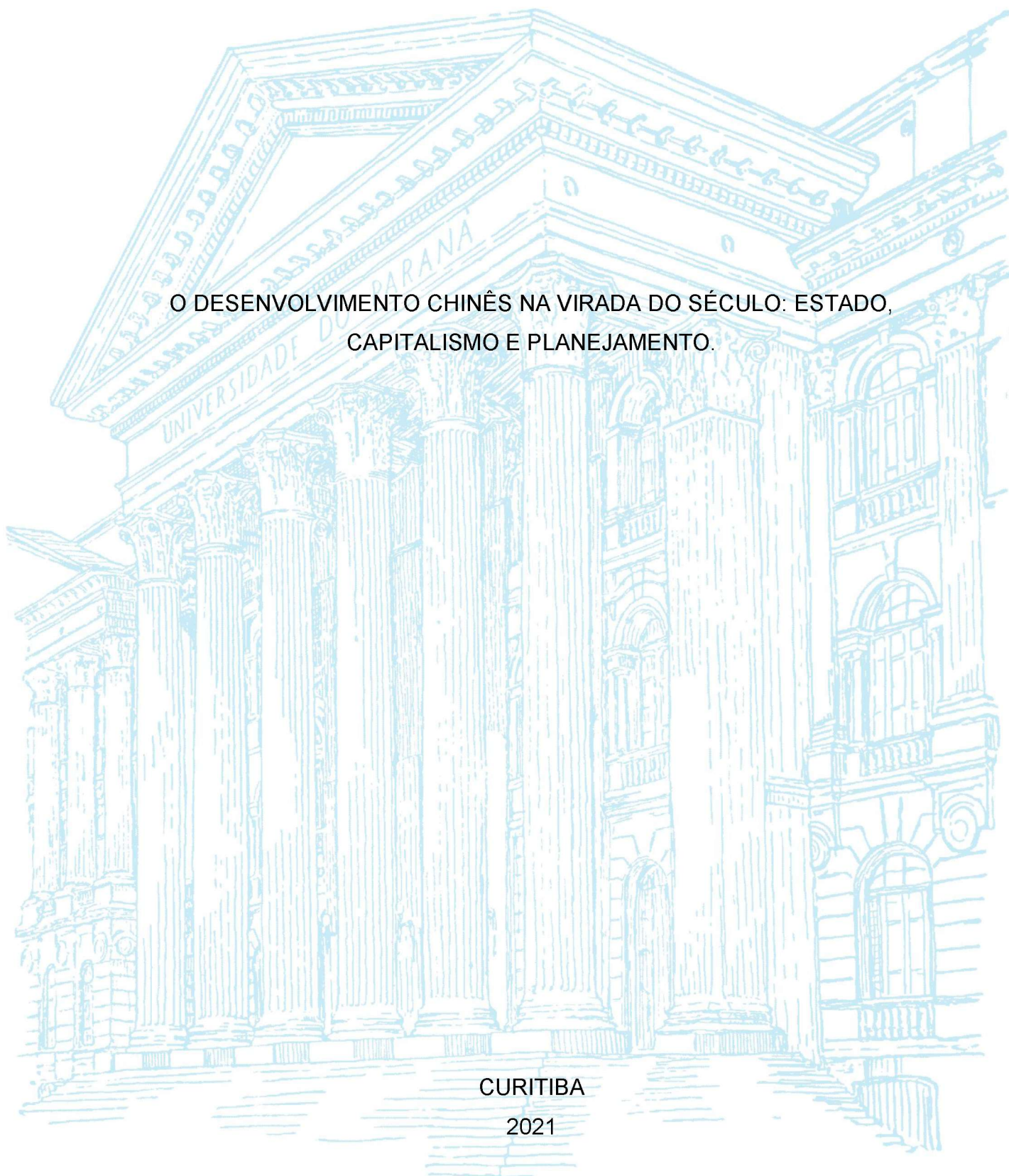
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LÚCIA MOLIANI BRAGA

O DESENVOLVIMENTO CHINÊS NA VIRADA DO SÉCULO: ESTADO,
CAPITALISMO E PLANEJAMENTO.

CURITIBA

2021



LÚCIA MOLIANI BRAGA

O DESENVOLVIMENTO CHINÊS NA VIRADA DO SÉCULO: ESTADO,
CAPITALISMO E PLANEJAMENTO.

Monografia apresentada ao curso de Pós-Graduação em Ciências Econômicas, Setor de Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômicas

CURITIBA

2021

TERMO DE APROVAÇÃO

LÚCIA MOLIANI BRAGA

**O DESENVOLVIMENTO CHINÊS NA VIRADA DO SÉCULO: ESTADO,
CAPITALISMO E PLANEJAMENTO.**

Monografia apresentada ao curso de Graduação em Ciências Econômicas, Setor de Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômicas.

Prof(a). Dr(a)/Msc. _____

Orientador(a) – Departamento _____, INSTITUIÇÃO

Prof(a). Dr(a)/Msc. _____

Departamento _____, INSTITUIÇÃO

Prof(a). Dr(a)/Msc. _____

Departamento _____, INSTITUIÇÃO

Cidade, __ de _____ de 201__.

Para Maria Marce, Sérgio, Rodrigo, Dona Hilda e Dona Antônia. Como tinha
que ser e sempre será.

AGRADECIMENTOS

Obrigada a todos que possibilitaram a existência desse trabalho. Não somente a ciência é um trabalho coletivo assim como a sobrevivência e a própria vida. Em primeiro lugar, sempre a eles, Maria Marce Moliani e Sérgio Soares Braga, os maiores e melhores guias que poderia nesse caminho das pedras. Um agradecimento especial ao meu orientador Demian Castro, que sempre me acompanhou durante os anos de graduação, e a todos os membros do Centro de Estudos Brasil China e ao grupo PET Economia. A minha graduação e formação não seriam as mesmas sem vocês.

Um parágrafo se faz necessário para as mulheres da minha vida; Monise Fuchs, Gabriela Faria, Poliana Back, Gabrieli Muchalak, Geissa Franco. Vocês acompanharam de perto não somente minha vida acadêmica, mas também todas as encruzilhadas que a acompanharam.

Lauren, Arthur, Ana Carolina, Daniel, Otávio e Danielly. Obrigada pelo companheirismo e camaradagem nesses anos de UFPR.

E a alguns grandes professores, professoras e mestres que tive não somente na UFPR mas como também na vida. Obrigada por me ajudarem a pavimentar essa estrada, Igor Zanoni, Fabiano Dalto, Jan Nowak, Benito Maeso, Raquel Guimarães, Felipe Almeida, Denise Maria Maia, Marcel René e ao Paulo Ugolini.

Foi bonita a festa, pá
Fiquei contente
Ainda guardo renitente
Um velho cravo para mim

Já murcharam tua festa, pá
Mas certamente
Esqueceram uma semente
Em algum canto de jardim

Sei que há léguas a nos separar
Tanto mar, tanto mar
Sei também quanto é preciso, pá
Navegar, navegar

Canta a primavera, pá
Cá estou carente
Manda novamente
Algum cheirinho de alecrim

Canta a primavera, pá
Cá estou carente
Manda novamente
Algum cheirinho de alecrim

Chico Buarque de Hollanda, 1978

In memoriam Denise Maria Maia

RESUMO

O presente trabalho se propõe a fazer uma revisão bibliográfica para compreender qual o papel do Estado Chinês e do Partido Comunista Chinês (PCC) na trajetória econômica recente do país. A partir de dados empíricos é feita a relação entre soberania, instrumentos de mercado, financeirização e inserção na economia internacional, demonstrando como todas essas partes são um mesmo conjunto. Para além da discussão se a China é socialista ou capitalista, se busca medir o tamanho do Estado chinês na economia do planejamento, mapeando as estruturas e instrumentos importantes para tal processo. A metodologia utilizada será a análise de dados empíricos fornecidos pelas autoridades chinesas e dos principais documentos que consubstanciam a estratégia de desenvolvimento econômico implementada por este país, assim como a sistematização de indicadores macroeconômicos e demográficos durante a transição do século XX para o XXI, correlacionando as movimentações econômicas com as ações do Estado como entidade planejadora principal.

Palavras-chave: China 1. Planejamento Econômico 2. Desenvolvimento Econômico 3. Socialismo 4. Capitalismo 5.

ABSTRACT

The present work intends to carry out a bibliographical review as a mean to understand the role of the Chinese State and the Chinese Communist Party (CCP) in the country's recent economic trajectory. Based on empirical data, to demonstrate how the relationship between sovereignty, market instruments, financialization and insertion in the international economy is made, analyzing all these components as part of the same whole. Beyond discussing whether China is socialist or capitalist, it seeks to measure the size of the Chinese state as a planning economy, mapping the structures and instruments that are important for such a process. The methodology used will be the analysis of empirical data provided by the Chinese authorities and the main documents that substantiate the economic development strategy implemented by this country, as well as the systematization of macroeconomic and demographic indicators during the transition from the 20th to the 21st century, correlating the economic movements with the actions of the State as the main planning entity

Keywords: China 1. Economic Planning 2. Economic Development 3. Socialism 4. Capitalism 5.

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 01 – CRESCIMENTO DO PIB CHINÊS.....	36
GRÁFICO 02 – COMPOSIÇÃO DO PIB CHINÊS (2011-2018).....	39
GRÁFICO 03 – COMPOSIÇÃO DO FBKF CHINÊS.....	41
GRÁFICO 04 – COMPORTAMENTO DOS COMPONENTES MACROECONÔMICOS	43
GRÁFICO 05 – COMPARAÇÃO COMPORTAMENTO DO CRESCIMENTO DO PIB E DA TAXA DE INVESTIMENTO.....	45
RELAÇÃO DE EMPREGO NO SETOR SECUNDÁRIO	51
RELAÇÃO DE EMPREGO NO SETOR TERCIÁRIO.....	54

LISTA DE QUADROS

IMPORTAÇÕES E EXPORTAÇÕES DA CHINA (2014-2018)	20
RELAÇÃO INVESTIMENTO E CRESCIMENTO DO PIB	44
RELAÇÃO DA POPULAÇÃO CHINESA EMPREGADA	49
RELAÇÃO DE EMPREGADOS POR SETOR	50
GASTOS EM EDUCAÇÃO.....	57
GASTOS EM P&D EM RELAÇÃO AO PIB	60
MAIORES EXPORTADORES MUNDIAIS	62

LISTA DE TABELAS

INVESTIMENTO EM RELAÇÃO AO PIB	46
PEA EM RELAÇÃO A POPULAÇÃO DISPONÍVEL	48

LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS

WITS	- World Integrated Trade Solution
PCC	- Partido Comunista Chinês
URSS	- U nião das R epúblicas Socialistas Soviéticas
ELP	- Exército da Libertação Popular
ZEE	- Zonas Econômicas Especiais
OMC	- Organização Mundial do Comércio
IDE	- Investimentos Diretos Estrangeiros
PIB	- Produto Interno Bruto
a.a	- ao ano (taxa)
FBKF	- Formação Bruta de Capital Fixo
X-M	- Exportações Líquidas
PEA	- População Economicamente Ativa
P&D	- Pesquisa e Desenvolvimento

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
1.1 JUSTIFICATIVA	19
1.2 OBJETIVOS	21
1.2.1 OBJETIVO GERAL.....	21
1.2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	21
1.3 METODOLOGIA.....	21
2 REVISÃO DE LITERATURA	23
2.1 SOCIALISMO, CAPITALISMO E DESENVOLVIMENTO NA CHINA.....	25
2.1.1 MERCADO E DESENVOLVIMENTO NA CHINA.....	26
2.1.2 DESENVOLVIMENTO E CRESCIMENTO ECONÔMICO NA CHINA	28
2.2 ESTADO COMO PROTAGONISTA	30
3 MATERIAL E MÉTODOS	33
4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS	34
4.1 CRESCIMENTO E COMPOSIÇÃO DO PIB.....	35
4.2 A SITUAÇÃO DO EMPREGO	47
4.3 EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA	57
4.4 SOBRE O COMÉRCIO EXTERIOR.....	61
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
5.1 RECOMENDAÇÕES PARA TRABALHOS FUTUROS	65
REFERÊNCIAS	66

1 INTRODUÇÃO

O desempenho econômico chinês ao longo do século XXI têm sido objeto de curiosidade e estudos. Um país que antes era conhecido por sua mão de obra barata e exportação de produtos de baixo valor agregado é agora não somente a referência tecnológica em infraestrutura, como também vem trilhando uma caminhada para se tornar a maior economia e potência mundial (JABBOUR, 2016).

Não é recente a relação da China com o comércio, afinal o Império do Meio sempre foi uma das maiores nações comerciais da história (RODRIGUES, 2015), o que apresenta um desafio de análise comparativa ao ser contrastado com o mundo ocidental. Ao longo de sua história, a China se viu como foco de poder político e econômico internacional algumas vezes, e esse cenário se modificou ao longo do tempo. O século XIX marcou diversas cicatrizes na cultura chinesa, marcando a história de um país imperial que se tornou uma colônia após diversas derrotas, tanto que foi chamado de *O Século da Humilhação*; que somente terminou com a revolução gloriosa de Mao Tse-Tung e ainda é utilizado como propaganda nacionalista. Contudo é importante inserir alguns conceitos ao tentar discutir o paradigma chinês contemporâneo, um deles sendo o “*ocidentocentrismo*” (STUENKEL, 2016)

A partir da vantagem produtiva e militar da Europa que se veio o pensamento de desmerecimento da cultura oriental; onde vemos paradigmas como “desenvolvido vs subdesenvolvido” e “avançado contra atrasado”, isso sempre com a Europa em lugar de estima, momentos onde mesmo pensamentos anti-imperialistas se botam como eurocêntricos, um ocidentocentrismo paternalista contra um anti paternalista. O pensamento marxista, por mais anti-imperialista que fosse, ainda botava a perspectiva do desenvolvimento histórico de acordo com o capitalismo, ou seja, sendo necessária um desenvolvimento capitalista na china e Índia (via colonização) para outro tipo de sociedade. Uma ideia que automaticamente coloca o desenvolvimento oriental em um patamar inferior. A ordem ocidental contemporânea que agora vemos, é um resultado de fatores históricos e de posicionamentos estratégicos que devem ser notados. A ONU, consenso de Washington, diversas questões que foram ditadas pelos EUA para que uma certa ordem global fosse ditada. Importante ressaltar o posicionamento divergente da China e como esse aspecto de hard power foi determinante para o sucesso da hegemonia neoliberal da época. Ao botarmos em perspectiva essa mudança de poder que houve ao longo dos séculos, pode-se ter alguma calma ao

discutir o grande lobo mau que a ascensão chinesa possa representar para os paradigmas globais.

O mundo pós guerra fria criou um novo paradigma sobre a noção de poder global. E com a “ascensão do resto” (STUENKEL, 2016) esse paradigma se viu assustado por assim dizer, a possibilidade de uma multipolaridade não é distante, por mais que a liderança magna estadunidense não seja consensual na academia (ARRIGHI, 2007), sendo que a soberania econômica raramente foi acompanhada de uma soberania política. É importante para discutir o deslocamento geográfico do poder citar aqui três cenários possíveis: uma redução relativa do poderio dos EUA; a China como um contraponto concorrente; e a China como um contraponto complementar. Ao discutir a perspectiva ocidental de análise da história não podemos somente focar na China. É importante reconhecer as outras culturas não ocidentais que a Europa teve contato durante boa parte de sua história e como elas foram tratadas pelos historiadores. Por longos períodos de tempo, os comerciantes europeus estiveram submissos as instituições e relações de comércio orientais, a Rota da Seda é somente um dos exemplos (HOBSON, 2012).

É relevante ressaltar também quais foram os fatores que levaram para a expansão ocidental no século XVI, que implica em entender não somente a relação de aumento de mercado consumidor, excedentes produtivos, aumento da oferta de insumos como também a própria posição do oriente durante esse momento. A China em uma política econômica que é muito mais preocupada com a gestão interna e de manutenção de seu império e o mesmo para a Índia. Impossível também de esquecer de citar o que foi a revolução industrial para a produção britânica e francesa. Se formos tratar com uma abordagem marxista, é importante ressaltar a relevância dos fatores exógenos para a ascensão ocidental. Importante ressaltar que essa uma discussão feita no parâmetro de desenvolvimento das forças produtivas, e não no cultural.

Nesse contexto, para além de debates mais genéricos sobre se a China organiza-se segundo os princípios do “socialismo”, do “capitalismo”, ou mesmo do “capitalismo de Estado”, parece haver um certo consenso entre certos analistas sobre o fato de que a política econômica chinesa combina pelos menos três fatores que deram sustentação ao seu ciclo mais recente de desenvolvimento econômico (DE CONTI & BLICKSTAD, 2017; JABBOUR & DANTAS, 2021): a) uma forte presença do Estado na economia, com acentuada presença de agências de fomento, bancos de investimento e fortes investimentos em infraestrutura que propiciam externalidades

positivas aos investimentos públicos e privados; b) o estímulo às empresas privadas, especialmente pequenas e médias empresas, mas também à constituição de conglomerados privados nacionais, na medida em que, pelo menos desde o governo de Deng Xiao Ping, formou-se a convicção nas autoridades econômicas chinesas de que, ao contrário dos países do Leste Europeu e da antiga União Soviética, a estatização global dos meios de produção e a constituição de um “capitalismo de Estado” não seriam ferramentas eficazes nem suficientes para vencer todos os desafios de um processo de desenvolvimento que gerasse oportunidades de investimento e de emprego, e que corrigisse as desigualdades sociais no longo prazo (NAPOLLEONI, 2011; SOUZA, 2018; WEBER, 2021) ; c) por fim, e mais importante para os objetivos desta pesquisa, a importância-chave das *políticas sociais de inclusão e combate à desigualdade social* (especialmente nos campos da educação, saúde pública, previdência social e infra-estrutura sanitária) não só para a geração de emprego, renda e estabilização da economia, mas *especialmente para o combate progressivo às desigualdades sociais* o que tem efeitos positivos (“externalidades”) não apenas para a relativa estabilidade do crescimento econômico chinês, mas especialmente para a melhoria da *qualidade do desenvolvimento econômico da China*, aproximando este país progressivamente dos indicadores sociais dos países desenvolvidos, especialmente dos países europeus (STUENKEL, 2018; PEI, WANG & SUN, 2020).

O crescimento dos países emergentes desde 1960 foi de 600% em perspectiva com os 300% do ocidente, contudo aqui é importante notar que o crescimento acelerado de países emergentes não representa uma grande conquista ou emancipação, uma vez que existem diversas armadilhas que devem ser observadas dados outros tipos de fragilidade econômica. E o crescimento acelerado do PIB, em países com PIB significativamente menor, por mais que tenha alta importância doméstica, pode ter o efeito mais modesto em relação a economia internacional. A questão da ascensão dos emergentes se dá além do PIB em si. A participação de tais países, especialmente os BRICS no comércio global se deu de maneira expressiva (STUENKEL, 2016).

O grande elemento chave para essa discussão é o crescimento econômico da China, que se manteve constante em boa parte desse período, mantendo aproximadamente uma taxa de 10% ao ano. A grande particularidade chinesa, o PCC, se mostra como uma possível vantagem administrativa em relação com suas

contrapartes mais democráticas, aspectos como maior adesão em políticas econômicas, reformas feitas de maneira adequada e investimentos direcionados são alguns exemplos. Contudo, é importante discutir alguns desafios que a China está para enfrentar em seu futuro: o meio ambiente, questão demográfica, inovação tecnológica, a ameaça de mudança do regime, risco de guerra na região e a administração da transição econômica chinesa. O último e o terceiro estão intimamente ligados, pois o modelo de industrialização e de desenvolvimento tecnológico chinês tem sido pelo modelo de substituição de importações, engenharia reversa e industrialização dirigida pelo estado, por mais que sejam modelos “estáveis” por assim dizer, eles implicam em baixa inovação tecnológica.

Em questão de comércio internacional, a China está encontrando em mercados mais periféricos a sua demanda para seu excesso de oferta, e dessa maneira ela se posiciona como necessária e aumenta a sua importância política. É também impossível não discutir o tamanho do país nessa questão, se seus 1.3 bilhões de habitantes tiverem um surto de produtividade, será um player muito maior do que se pode imaginar.

1.1 JUSTIFICATIVA

A China tem sido um dos países de maior destaque na história contemporânea recente, com as taxas de crescimento econômico altamente elevadas e com uma das maiores complexidades comerciais já vistas; importando de 216 países e exportando para 215 (<https://wits.worldbank.org/CountryProfile/en/Country/CHN/Year/2018>; Acessado em 12/02/2020), mesmo tendo tantas relações comerciais com o ocidente, sendo mais de 47% de suas exportações enviadas para a Europa e América do Norte, sendo composta em 22% e 25% respectivamente. (https://oec.world/en/visualize/tree_map/hs92/export/chn/show/all/2017/; Acessado em 20/12/2019), esse país ainda se apresenta como um mistério, sendo que boa parte de sua complexidade se mantém como um tema obscuro para boa parte de seus parceiros comerciais e políticas.

Desde 2009 a China ocupa o lugar de maior exportador do mundo e desde 2013, e seu impacto nas políticas macroeconômicas internacionais não pode ser menosprezado, a tabela abaixo indica o papel da balança comercial chinesa no PIB mundial. Com uma crescente constante de mais de 14% das exportações de 9%

do volume de importações, a China se posiciona como um dos mais relevantes *players* internacionais.

QUADRO 1 – IMPORTAÇÕES E EXPORTAÇÕES DA CHINA 2014-2018

Importações China			
Ano	Volume (US\$ Mil)	Percentual (%)	Ranking Mundial
2018	1.680.279,00	9,07	2º
2017	1.561.266,00	9,00	2º
2016	1.335.641,00	8,49	2º
2015	1.340.000,78	8,32	2º
2014	1.545.000,73	8,32	2º
Exportações China			
Ano	Volume (US\$ Mil)	Percentual (%)	Ranking Mundial
2018	2.750.811,00	14,57	1º
2017	2.627.888,00	14,91	1º
2016	2.260.387,00	14,33	1º
2015	2.450.960,00	15,15	1º
2014	2.528.687,00	13,63	1º

FONTE: WITS (2021)

Ao discutir América Latina, a China tem um papel ponderoso, especialmente a partir dos anos 2000. A China seguiu a crescente econômica mundial e foi responsável por grande parte das exportações de commodities do continente entre 1998 e 2003 especialmente, que conseguiu aliviar as restrições nas balanças de pagamentos (2015; MEDEIROS, CINTRA). Medeiros explica detalhadamente:

“Mas os impactos de demanda mais importantes foram indiretos e a taxa de crescimento das exportações totais e a evolução dos termos de troca constituíram seus principais componentes. A elevação do preço das commodities permitiu um crescimento generalizado das exportações tanto dirigido diretamente para a China — contribuindo em muitas delas para um saldo comercial elevado — quanto para o resto do mundo; por outro lado, no caso das economias mais diversificadas (Argentina e Brasil) o maior crescimento dos países primário especializados permitiu aumentar as exportações não apenas de commodities mas a de bens industriais (ainda que a taxas menores) para estes mercados, gerando inclusive superávit comercial com os países da América do Sul”. (MEDEIROS, CARLOS AGUIAR DE e CINTRA, MARIA RITA VITAL PAGANINI. Impacto da ascensão chinesa sobre os países latino-americanos. Rev. Econ. Polit. [online]. 2015, vol.35, n.1)

Pós a crise internacional de 2008 a China recebeu os holofotes e a atenção mundial dada a maneira em como navegou tal agrura, por mais que em 2009

o PIB tenha se retraído em 1,82%, em relação os 2,5% mundial no ano seguinte as taxas de crescimento já estavam superiores a 10%, se mostrando superior aos 4,29% mundiais. (STATISTICAL YEARBOOK OF THE REPUBLIC OF CHINA 2018).

O Período de 2014-2018 apresentou um aquecimento no crescimento econômico chinês, com taxas que variam entre 6,6% e 7,4%; o crescimento nesse quadriênio, mesmo com uma desaceleração nos anos seguintes, indica uma simetria com o plano de Beijing para dobrar o crescimento do PIB até 2020 (<https://www.reuters.com/article/us-china-economy-gdp/china-revises-up-gdp-growth-for-2014-2018-on-track-to-double-economy-idUSKBN1ZJ0QO>; Acessado em 12/02/2020).

Compreender esse período de 2014 até 2018 fornecerá um recorte e percepção melhor da economia chinesa estabilizada pós a crise de 2008 assim como um prospecto da entrada na nova década do século XXI, uma vez que se torna possível analisar os novos objetivos da China, e sua consagração como uma nova potência mundial.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 OBJETIVO GERAL

Analisar a partir dos dados macroeconômicos disponíveis sobre a economia chinesa a importância do Estado e como se deu a estrutura econômica e social do país em questão.

1.2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Discutir os principais marcadores macroeconômicos chineses durante os primeiros anos do século XXI

Compreender o papel do Estado como dirigente e principal organizador da economia.

1.3 METODOLOGIA

Para cumprir os objetivos acima, e concretizar os objetivos formulados, procuraremos utilizar uma metodologia mista, que combine elementos quantitativos e qualitativos.

1. Inicialmente, nos primeiros meses de pesquisa, o objetivo é realizar uma *revisão sistemática da literatura* sobre a relação entre desenvolvimento econômico e políticas sociais na China. Como base serão utilizados os seguintes acervos científicos: *Web of Science*, *Scopus* e *Scielo*.

2. Em segundo lugar, uma vez mapeadas as principais contribuições à temática na literatura, procuraremos analisar alguns dos principais documentos produzidos pelas autoridades econômicas chinesas no começo do século XXI a fim de apreender o papel que o papel do Estado foi atribuído no desenvolvimento e crescimento econômico.

3. Numa terceira etapa buscaremos coletar e sistematizar, em fontes oficiais chinesas outras fontes, dados empíricos crescimento econômico até 2018 com destaque para o período mais recente. Dentre estas informações podemos destacar, numa primeira aproximação, além das informações coletadas em fontes secundárias, os dados divulgados em fontes primárias disponíveis na internet, tais como o National Bureau of Statistics of China, o China Data Online, o China World Bank Open Data, e o People's Republic of China – OECD1, com o objetivo de fazer um estudo descritivo dos dados, com análises longitudinais em relação à evolução dos componentes estudados.

2 REVISÃO DE LITERATURA

As mudanças econômicas da década de 1980 não foram questões de abertura econômica somente, mas sim de uma reestruturação da atuação do Estado Nacional, uma vez que todo o processo de tomada de decisão manteve-se dirigido pelo PCC (CARVALHO, 2013).

Pós revolução cultural (1966-1976) o PCC passou por um processo de mudança interno, por mais que Mao ainda fosse o líder do comitê geral, havia agora uma nova elite lá dentro proclamada, mais aberta a mudanças econômicas e reformas, especialmente para se recuperar da recessão e controlar a inflação (reduzindo, especialmente os investimentos no setor de construção civil). Na década de 70 Nixon estava conduzindo políticas externas desastrosas, e o apoio da China foi significativo, esse também foi um fator na entrada de capitais americanos no período em questão.

As quatro reformas políticas, como defendido pelo autor, foi um passo a um capitalismo de estado com grande papel e centralização estatal, em momento algum foi um projeto improvisado. Era um capitalismo de estado com participação privada, porém com todas as suas estratégias e decisões lideradas pelo PCC. O discurso de Deng era que a atração de elementos capitalistas seria uma estratégia para alavancar os planos socialistas, não para uma economia de mercado liberalizada.

“Não existe um caminho pelo qual o capitalismo possa eliminar a extração do lucro pelos capitalistas ou pulverizar a exploração e as crises econômicas. (...) Apesar disso, o capitalismo tem uma história secular e a nossa população deve aprender com os povos dos países capitalistas. Nessa direção, nós precisamos fazer uso da ciência e tecnologia desenvolvida por eles e assimilar o seu acúmulo de conhecimento e experiência que possam ser utilizados no desenvolvimento do nosso país. A despeito desse fato, se nós vamos importar tecnologia avançada e outros bens dos países capitalistas, nós não iremos importar o seu sistema individualista, nem nada que seja negativo para sociedade chinesa (Deng, Xiaoping. 1993).”

A grande diferença que se deu entre a China e a URSS foram suas abordagens. A União Soviética em um sistema de ruptura, e a China em uma abordagem de transição gradualista. A China obteve sucesso em sua implementação *dual-track*, permitindo a manutenção de empresas estatais e a liberalização dos preços em setores marginais, assim criando um ambiente politicamente mais propício a reformas.

O autor então divide as reformas em dois grandes períodos: 1978-1991 e 1991-dias atuais (CARVALHO,2013).

As relações entre Reagan e URSS foram essenciais para compreender o desenvolvimento chinês durante a década de 80, uma vez que as pressões dos EUA na Ásia desenvolvida (tigres asiáticos) para seu posicionamento político e econômico, e então a China também se valeu desse apoio fiscal, que favoreceu o seu setor exportador, uma vez que ela não estava sujeita as mesmas condições como cotas de exportação e fixação cambial que seus vizinhos. Outro aspecto importante para compreender a reforma econômica chinesa é a reforma militar do ELP em 1981, que simultaneamente visava apoiar a descentralização econômica e modernizar o sistema de defesa, contudo a economia chinesa ainda mostrava dificuldade em atender as demandas de consumo da população e de desenvolvimento das forças produtivas, nesse fator que o capital estrangeiro foi fundamental. A modernização do campo foi outro fator relevante para o aquecimento econômico. Nesse período também foram criados os bancos estatais de comércio e crédito, e então as ZEEs foram criadas para atrair capital estrangeiro em setores julgados estratégicos (JABBOUR, 2012).

O Grande Compromisso em 1992 foi um tratado que prometeu manter as modernizações ao mesmo tempo em que manter a coesão social, um processo altamente controlado pelo PCC. O objetivo final do ELP sempre foram: o monopólio político do PCC com modernização econômica e estabilidade social. Após a Guerra do Golfo em 1991 o governo chinês percebeu sua carência no setor militar e tecnológico em relação as grandes potências mundiais, ao mesmo tempo que algumas linhas internas do PCC mantinham uma postura cética sobre a continuação das reformas.

A queda da URSS foi essencial para o aprendizado chinês sobre o caminho das economias em desenvolvimento, especialmente sobre o aspecto da “fé macroeconômica” sobre a maior eficiência das privatizações, que a China respondeu por introduzindo competitividade em seu mercado, mas sem reduzir o tamanho do Estado. Após 1992 a manutenção de uma agenda gradual de reformas se mostrou ainda mais importante, ainda mais após as transformações radicais na URSS de Gorbachev (1985-1991) e na Rússia de Boris Yeltsin (1991-1999).

O estreitamento das relações econômicas com os EUA foi essencial para esse processo, assim como a mudança na economia asiática. A grande pertinência disso tudo foi que a China ganhou grande poder de barganha com o país anglo-saxão, via

uma rede de investimentos, finanças e comércio entre os dois países, o que limitou a possibilidade de o EUA fazerem políticas restritivas.

Com a grande abertura econômica que o mundo passou em 1990, a incapacidade do sistema produtivo chinês ficou ainda mais evidente ainda mais perante a questão tecnológica. A recessão dos tigres asiáticos ajudou a condição de manufatura do país, e a partir de 1995 que se pode observar a estratégia de desvalorização do câmbio de forma extremamente competitiva por parte da China. E então foi firmado O Grande Compromisso, com as seguintes diretrizes: 1) Sustentação e reforço da ligação entre o PCC e o ELP, 2) manutenção do caráter pragmático das reformas, principalmente no campo político e socioeconômico, com destaque para os aspectos relacionados ao capital estrangeiro, 3) maior controle dos aparatos e setores sociais (imprensa, cultura), 4) liderança e intervenção do Estado na condução das mudanças econômicas, 5) ampliação do campo de relações diplomáticas com várias regiões do mundo a fim de legitimar o regime político chinês, 6) continuidade da modernização econômica com maior apoio do setor externo e da formação de grandes conglomerados nacionais capazes de competir internacionalmente, e 6) desenvolvimento tecnológico do aparelho militar (JABBOUR, 2018).

O Grande acordo marcou a expansão e criação de novas ZEEs, e em 2001 a China se juntou a OMC, mas não se abriu de modo discriminatório, criando um vasto aparato regulatório.

As empresas estatais assumiram o centro do desenvolvimento tecnológico, subordinando as ações dos demais órgãos. As reformas econômicas e políticas foram articuladas no interior das instituições ligadas ao Estado Nacional. As restrições e controles impostos às empresas estrangeiras, a liderança das estatais na reestruturação da estrutura produtiva, a expansão e sofisticação do ELP, bem como a coordenação das mudanças realizadas pelo PCC foram alguns dos elementos que comprovam o fortalecimento do Estado Nacional enquanto principal agente do projeto de transição da China.

2.1 SOCIALISMO, CAPITALISMO E DESENVOLVIMENTO NA CHINA

A análise da história do desenvolvimento chinês precisa ser materialista e histórica, pois ao generalizar sobre o processo de desenvolvimento baseado em semelhanças estéticas entre os centros urbanos e rurais do mundo. Não é pelo fato de que tanto São Paulo quanto Shanghai quanto Nova Iorque possuem arranha-céus, sistema de transporte público e problemas de poluição que o sistema de desenvolvimento dessas cidades é similar, quiçá de seus países.

A caracterização de um sistema socialista na China está na *“centralidade de uma superestrutura de poder diferente das existentes no centro e na periferia capaz de concentrar, pelo menos, duas ferramentas vitais a superação da anarquia de produção”* Sendo eles a) A propriedade sobre os setores estratégicos e com alto grau de monopólio da economia nacional e b) o planejamento (JABBOUR, 2012).

O socialismo com características chinesas é então, expressão desse processo. O controle macroeconômico e monopolizador dos setores necessários para o desenvolvimento e essenciais para o processo de acumulação e a permissão ao mercado e entes privados de manejar aspectos microeconômicos é a prova de que a China fez a opção política pelo desenvolvimento, ou seja, que está na fase primária do socialismo. Alguns cuidados têm que ser tomados antes de se valer da expressão “socialismo de mercado” na china: entre eles o papel político e social dos camponeses e da reforma agrária no processo de formação social.

Sendo assim, de uma perspectiva histórica, o papel dos camponeses, assim como a financeirização, o comércio externo e a globalização são essenciais para compreender o processo de formação do socialismo com características chinesas. Nos vale citar Milton Santos “A localização dos homens, das coisas no espaço, explica-se tanto pelas necessidades externas, aquelas no modo de produção puro, quanto pelas necessidades internas, representadas essencialmente pela estrutura de todas as procuras e a estrutura das classes, isto é, formação social propriamente dita” Compreender “comércio externo” “financeirização” e “globalização” como variáveis do processo de desenvolvimento, não determinantes. Ou seja, seria possível optar por outro caminho, só não o foi feito, e tal decisão política é essencial para a compreensão do processo de desenvolvimento chinês. Não existe desenvolvimento sem história. E a partir de então, se torna entender o “Mercado” como uma categoria histórica.

2.1.1 MERCADO E DESENVOLVIMENTO NA CHINA

Desenvolvimento se tornou um termo generalizante e que tenta resumir diversos processos históricos correlatos como uma sequência de fatos isolados. Para esse contexto ele será tratado como um processo histórico, que engendra transformações de diversas ordens, entre elas o movimento populacional, a forma de produção e apropriação da riqueza, a técnica, a divisão social do trabalho, etc. Para não se reduzir somente a tais fatores Ignácio Rangel vai formular a questão nacional tal qual: *“A nação é, sem dúvida, uma categoria histórica, uma estrutura que nasce e morre, depois de cumprida sua missão (RANGEL, I. 1962)”*. Cada país enfrenta o desenvolvimento de um modo, os EUA com a obsessão estratosférica com consumo, e o Centro da UE com os desafios atuais do Welfare State, por exemplo. Na China, esse processo deve ser visto como a sua afirmação e processo de identidade como nação, criando as bases para sua divisão social do trabalho; ou seja, o desenvolvimento é um meio para se conquistar a autonomia necessária à reprodução nacional.

O desenvolvimento é a grande expressão de soberania das nações, sobretudo se formos pensar na internacionalização ou a divisão internacional do trabalho, a colocação de um país dentro dessa estrutura global e seu posicionamento na hierarquia o determina internacionalmente.

As relações de produção são divididas em duas categorias; relações internas e relações externas. A planificação do comércio exterior seria então, a superação da anarquia produtiva nas relações internacionais, e o papel do câmbio é uma variável determinante para tal processo, para determinar se as relações externas serão favoráveis ou não em relação ao desenvolvimento da nação e em que grau o seriam.

O câmbio, para Jabbour é o principal artifício de dominação externa de um país pelo outro. *“O que está convencionado a chamar de câmbio é o instrumento da economia monetária que objetiva aproximar a dada realidade nacional os custos visíveis dos produtos importados ou exportados”*. Se entendermos o câmbio como mediador de relações externas de produção de um determinado país, pode-se entender a relação íntima entre câmbio, moeda, mercado, desenvolvimento e política. De tal modo não somente a financeirização econômica é parte crucial do desenvolvimento chinês como também é uma ferramenta para atestar sua própria soberania perante mercados externos.

Importante ressaltar a diferença da abertura econômica da década de 1980 entre países como Argentina e Brasil e a China. Todos os passos da China foram

planejados, tanto que a própria conseguiu se colocar em uma situação favorável. As ZEEs são um exemplo disso, a China que ditou onde geograficamente e como que ocorreria essa abertura em seu território, ao invés de ter uma disputa entre estados para ver quem “dá mais benefícios” para atrair montadoras. As exportações chinesas, especialmente seu alto volume, foi a estratégia encontrada para financiar o seu projeto de modernização, especialmente suas importações. O acúmulo de capital estrangeiro foi o modo que a China encontrou, junto com a manutenção da sua taxa de câmbio, a resistir as crises e flutuações internacionais. As reservas cambiais também foram essenciais para manter uma taxa de juros atrativa ao mercado e ao público (JABBOUR, 2012).

Uma discussão importante a ser feita: se estamos percebendo, por causa do fluxo dos IED, uma industrialização da China. Ver a tendência das exportações por setores recentes do país, analisar se estamos percebendo uma queda do setor industrial ou somente uma mudança do seu caráter (especialização maior, etc. Analisar o padrão)

A China está subvertendo as regras do jogo centro-periferia ou está jogando de acordo com elas, somente criando um novo centro gravitacional? O contraponto está na forma de comércio, o comércio planejado x o livre anárquico.

O poder da China no comércio internacional não pode ser subestimado, tanto pela sua capacidade de gerar demanda, quanto pelo seu poder de denominar preços de commodities, e seu papel na divisão internacional do trabalho, onde diversas cadeias de produção ou passam por seu território, ou de seus aliados econômicos.

O aumento da participação da China nos IDE é um fenômeno a ser notado, especialmente pós 2004, em que o seu interesse especialmente pros hidrocarbonetos aumentou, assim como em setores relacionado ao agronegócio, o que sinaliza a China como cada ano um player maior no mercado mundial.

2.1.2 DESENVOLVIMENTO E CRESCIMENTO ECONÔMICO NA CHINA

A economia de mercado tem um papel essencial na supressão de vestígios feudais. O desenvolvimento rápido da economia de mercado tem na produção capitalista o seu ápice, a economia de mercado sendo então (no exemplo russo) a causa e o efeito do aumento de produtividade e da diferenciação social; uma vez que

os camponeses mais ricos eram “largamente comerciais” e que muitas funções eram feitas por terceiros, o que podemos chamar de efeito espalhamento. (*spill over*), no qual diversas esferas são afetadas positivamente pela instrumentação da economia de mercado.

Lênin coloca o processo de especialização da agricultura como passo primeiro ao processo de urbanização/industrialização, transformando a agricultura em um elo a mais na divisão social do trabalho, tal explicação se dá pela composição orgânica do capital¹. A partir dessa definição de agricultura a pequena propriedade não é mais oposição a grande propriedade, mas sim sua complementar no processo de produção e de acúmulo de capital, claro, sempre levando em consideração as desigualdades das forças produtivas e as não sincronias tecnológicas e de capital.

A economia de transição do capitalismo para o socialismo será caracterizada como uma **economia de mercado centralmente planejada; em que é explícito o papel do estado ao manter uma economia de mercado**. A relação entre estado e planejamento se encontra na lógica da “construção consciente de uma sociedade”; uma vez que não existe desenvolvimento longe do estado. O planejamento em nível superior depende de uma visão holística dos problemas internos e externos e do avanço da ciência e tecnologia como independentes de um certo tipo de produção ou organização, mas sim como objetivos em si e se planejar para a concorrência internacional de acordo, com compreensão dos mecanismos que possui a sua disposição para competir e participar.

A China é um país com diversas contemporaneidades que não são coetâneas. As formações econômico-sociais na China são: economia natural de subsistência (cerca de 80 milhões de chineses, em sua maioria grupos étnicos); a pequena produção mercantil (estimado 400 milhões de chineses); indústria rural privada e/ou coletiva; capitalismo privado; capitalismo de estado e socialismo (nos setores essenciais de grande monopólio). A partir do que já foi discutido sobre

¹ Conceito formulado por Karl Marx ao analisar o processo de produção capitalista. Consiste na relação entre o valor do capital constante e do capital variável, cujas variações se fazem sentir na modificação da taxa de lucro. A composição orgânica do capital resulta da relação de proporcionalidade existente entre o capital constante (c) e o capital variável (v), expressa na fórmula $Coc = c/c+v$. A composição orgânica do capital cresce com o desenvolvimento da técnica, e a taxa de lucro tende a baixar ao mesmo tempo (MARX, 1867)

desenvolvimento é importante citar os setores mediadores às tais formações já antes listadas, que são: a economia natural (em processo de decomposição), a economia de mercado e o comércio exterior.

O crescimento econômico tem uma relação causal com o aumento de produtividade do trabalho e com a expansão da economia de mercado; de modo geral os países periféricos respondem a estímulos externos, que levam a mudanças qualitativas no cenário econômico doméstico, seja mudando de via natural para mercantilismo, seja pela industrialização, contudo ao decorrer do tempo é necessária mais do que uma forma de financiamento (endividamento externo), e a partir de então que a financeirização se torna um processo importante.

O processo de soberania está ligado ao desenvolvimento do Departamento 1 (setor siderúrgico), pois é ele que representa a capacidade produtiva e inovativa de um país. Um país sem siderurgia é um país sem capacidade de exercer sua soberania e de planificar sua economia; contudo em etapas mais avançadas do desenvolvimento e em um mundo globalizado, quem se mostra com tamanha importância também é o setor financeiro de um país.

2.2 ESTADO COMO PROTAGONISTA

A partir de 1949 assiste-se ao encerramento definitivo da submissão externa do país. Industrialização de base feita, importante ressaltar o papel da indústria nas comunas. Abertura comercial muito discreta, a China ainda sendo um país isolado comercialmente, e se manteve assim durante todo o governo de Mao.

O período maoísta viveu uma das menores desigualdades de renda do mundo, apesar da manutenção da desigualdade entre campo e cidade, aqui vale ressaltar a importância do sistema *hukou*. A estagnação da produtividade agrícola se manteve até as Reformas no Campo, que a partir de então a produtividade se eleva substancialmente, o que suscita importantes questões sobre a coletivização da agricultura.

Em 1978 se iniciou a política do socialismo com economia de mercado, um contraponto político ao “Grupo dos Quatro” consistido por Jing Qing, Zhang Chunqiao, Yao Wenyuan e Wang Hongwen – todos apoiadores da revolução cultural. – Deng Xiaoping inseriu reformas econômicas com a sua política das Quatro Modernizações

(Kornberg e Fausto, 2005, 34). Esse processo se deu graças a um grande sentimento nacionalista e ao centralismo democrático.

Os quatro objetivos principais foram: a atração do comércio e investimento estrangeiro, via liberalização gradual dos preços; diversificação das instituições financeiras; estabelecimento do mercado financeiro, com grande independência para as corporações do Estado e os governos provinciais administrarem e competirem. Para Deng a liberdade para todos somente viria com ampla abundância material e altíssimo grau de desenvolvimento das forças produtivas, reduzindo as demandas materiais. Deng Xiaoping então iniciou o processo de modernização da economia chinesa, ressaltando a importância da produtividade como marcador do sucesso de uma sociedade socialista.

“Não existe um caminho pelo qual o capitalismo possa eliminar a extração do lucro pelos capitalistas ou pulverizar a exploração e as crises econômicas. (...) Apesar disso, o capitalismo tem uma história secular e a nossa população deve aprender com os povos dos países capitalistas. Nessa direção, nós precisamos fazer uso da ciência e tecnologia desenvolvida por eles e assimilar o seu acúmulo de conhecimento e experiência que possam ser utilizados no desenvolvimento do nosso país. A despeito desse fato, se nós vamos importar tecnologia avançada e outros bens dos países capitalistas, nós não iremos importar o seu sistema individualista, nem nada que seja negativo para sociedade chinesa (Deng, 1993).”

Uma tarefa central e dois pontos. A tarefa prioritária sendo o desenvolvimento das forças produtivas, marcada pelas Quatro Modernizações.

Os dois pontos básicos:

- i) No plano econômico, reformas pró-mercado e abertura ao exterior
- ii) No plano Político, os Quatro Princípios Cardeais, visando a manutenção do controle político exercido pelo PCC

As quatro modernizações: agricultura, indústria, ciência e tecnologia, e defesa. E houveram dois mecanismos principais para atingir tais objetivos; as TVEs, Township and Villages Enterprises que foram protagonistas da primeira fase das reformas. As empresas estatais permaneciam com todos os cargos sociais que lhe foram atribuídos no período maoísta, pleno emprego, previdência e assistência. E as ZEE – Zonas Econômicas Especiais, enclaves exportadores com isenção fiscal, liberdade cambial, investimento em infraestrutura; objetivo de atrair IDE (JABBOUR, 2019).

Contudo não foram apenas nas estruturas produtivas em que o Estado chinês agiu de modo não ortodoxo, tendo seu compromisso com o planejamento a longo prazo no Sistema dual de coordenação da atividade produtiva – Dual Track System. A coexistência do planejamento central e dos canais de mercado na alocação dos bens, não se trata de dois tipos de propriedade, mas sim de dois mecanismos de coordenação distintos, o planejamento e o mercado, e o Estado como dirigente.

Importante ressaltar a diferença da abertura econômica da década de 1980 entre países como Argentina e Brasil e a China. Todos os passos da China foram planejados, tanto que a própria conseguiu se colocar em uma situação favorável. As ZEE são um exemplo disso, a China que ditou onde geograficamente e como que ocorreria essa abertura em seu território, ao invés de ter uma disputa entre estados para ver quem “dá mais benefícios” para atrair montadoras. As exportações chinesas, especialmente seu alto volume, foi a estratégia encontrada para financiar o seu projeto de modernização, especialmente suas importações. O acúmulo de capital estrangeiro foi o modo que a China encontrou, junto com a manutenção da sua taxa de câmbio, a resistir as crises e flutuações internacionais

A inserção internacional e a afirmação de soberania chinesa não são somente um ponto político, como também é parte do seu processo de desenvolvimento e crescimento econômico. Tal fenômeno não pode ser cortado em partes e não ser analisado pelo todo.

3 MATERIAL E MÉTODOS

Estudar qualquer processo histórico demanda a compreensão do todo e de suas partes. Compreender que tais partes fazem parte do todo e não devem ser desconexas do mesmo. O presente trabalho, a partir de fontes primárias e dados empíricos, pretende analisar como que certas estruturas de mercado e financeiras foram utilizadas pelo Estado chinês para a obtenção de seus objetivos. E a partir de então cabe uma análise histórica.

A financeirização e a compreensão do mundo pós consenso de Washington são o equivalente para a economia chinesa e seu planejamento de estado como a metalurgia e a industrialização em larga escala eram para União Soviética. A China em seu processo de transição está inclusa nesse mundo globalizado, e o usa ao seu favor, ou seja, a China não percorre seu caminho apesar de tais situações, mas sim se vale das mesmas.

A caracterização de um sistema socialista na China está na *“centralidade de uma superestrutura de poder diferente das existentes no centro e na periferia capaz de concentrar, pelo menos, duas ferramentas vitais a superação da anarquia de produção* Sendo eles a) A propriedade sobre os setores estratégicos e com alto grau de monopólio da economia nacional e b) o planejamento.

A partir de revisão literária e trato de dados pelas fontes oficiais das autoridades chinesas que tal estudo foi feito.

4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Compreender o crescimento econômico chinês das últimas décadas implica em compreender os efeitos do planejamento de uma política econômica dirigida pelo Estado.

É impossível desvincular as estratégias do estado com as do PCC (Partido Comunista Chinês) pois o plano de nação adjunto do controle exercido sobre as principais variáveis macroeconômicas não é apenas uma coincidência de fatores que levaram ao crescimento observado nas últimas quatro décadas, o que observamos não é fruto de um “milagre” ou de um acaso, mas sim resultado de um planejamento estratégico de longo prazo, advindo de um governo que controla suas principais variáveis macroeconômicas, como aponta Jabbour (2012).

A economia chinesa deu um salto especialmente após as reformas de Deng Xiaoping, líder político da República Popular da China entre 1978 e 1992.

Muitas vezes erroneamente chamadas de “reformas liberalizantes” o feito do mandato de Deng Xiaoping foi mudar o caráter da participação estratégica do Estado na economia chinesa, colocando o Estado como agente dirigente do Mercado. A liberalização do campo, por exemplo, foi a permissão para os camponeses venderem seus excedentes entre si; com resultados não somente para o aumento do poder de compra, mas também para dinamizar o mercado doméstico, um dos principais fatores das reformas econômicas. A China por mais que facilitou as trocas mercantis e liberalizou alguns aspectos, tomou uma estratégia composta pela expansão da indústria, aumento da taxa de investimentos, aumento da demanda social e empresarial, e tudo isso era demarcado pela presença do planejamento do PCCh, com diversas ferramentas, talvez a mais interessantes delas sendo o aumento do controle estatal na *financeirização da economia*.

Os mercados de capitais, mercados monetários, investimentos diretos estrangeiros (IDE) todas essas ferramentas fizeram parte de uma economia cada vez global e cada vez mais tecnológica; a China, aumentando o poder do estado estabelecendo taxas de câmbio fixo conseguiu se colocar em uma posição estratégica como exportador mundial de bens manufaturados, além da grande habilidade do PCCh de coordenar seus investimentos e ativos financeiros. A financeirização do mercado não é sinônima do processo de neoliberalização da

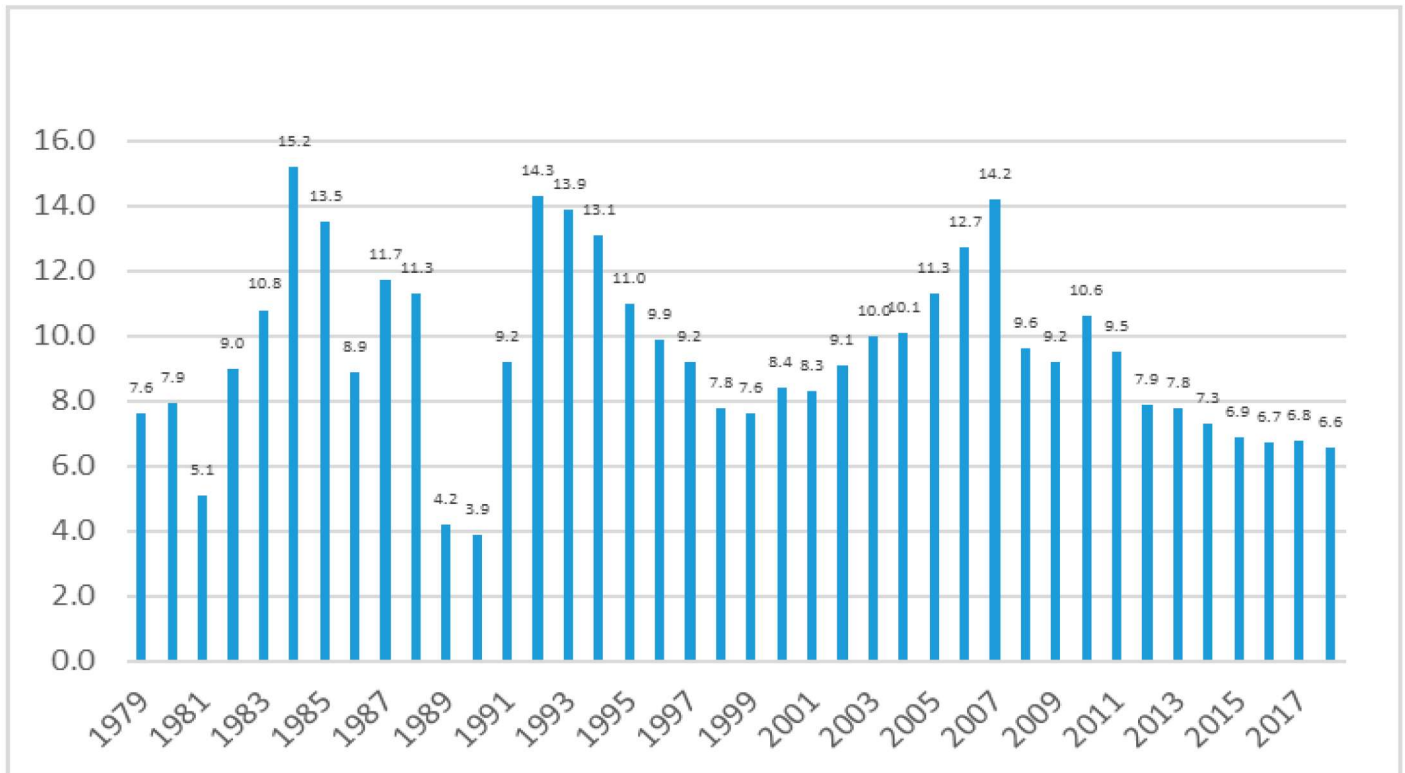
economia, não só ela por si mesma não significa um rumo ao capitalismo neoliberal, ela é somente uma ferramenta como as outras diversas ferramentas macroeconômicas que existem para o controle do estado (JABBOUR, 2012). A financeirização da economia está para China assim como a industrialização estava para a União da República Socialistas Soviéticas no século XX.

A compreensão da política do planejamento dirigida pelo Estado Chinês é essencial para compreender o crescimento econômico que a China seguiu ao longo do século XXI.

4.1 CRESCIMENTO E COMPOSIÇÃO DO PIB.

A China é um país cuja capacidade de produzir bens e serviços tem aumentado por mais de quatro décadas. Uma discussão necessária a ser feita é o “como esse crescimento se deu?” e “a partir do quê?”, analisando não somente quantitativamente, mas também qualitativamente. Uma vez já estabelecida a necessidade e o peso do planejamento estatal, podemos dar início à análise dos componentes macroeconômicos principais chineses. O objetivo desse capítulo é examinar o movimento ascendente do país e o seu chamado “novo normal”, uma vez que as taxas de crescimento da China na última década têm sido, por mais que elevadas, menores que as apresentadas no começo do século. O crescimento médio até 2010 se manteve na ordem de 10% a.a., apresentando um crescimento de 20,5 vezes em relação a 1978. Até 2011 o crescimento do PIB não apresentou grandes sobressaltos, com exceção de 1988 e 1989 que as taxas ficaram na ordem de 4% a.a..

GRÁFICO 01- CRESCIMENTO DO PIB CHINÊS (%)



FONTE: Chinese National Bureau of Statistics,

Se formos discutir o gráfico em toda sua série histórica pode-se observar que crescimento chinês entre 1979 e 2017 por mais que foi contínuo (sem taxas negativas de crescimento) observou alguns grandes picos de variação. Sendo a média de crescimento 9,5% ao ano, tivemos ápices de variância de -5,6 pontos percentuais sendo 1992 o ano mais baixo; decorrente da crise econômica internacional do começo da década de 90, em que as exportações chinesas caíram e uma variância positiva de 5,7 em 1985 o ano com o maior salto, como uma resposta as reformas econômicas do Deng Xiaoping. Essas variações se mantêm decorrentes durante a década de 80, período em que o grosso da economia chinesa ainda estava muito baseada na exportação de bens de baixo valor agregado e baixo câmbio, ou seja, suscetível as oscilações internacionais, como por exemplo, a crise do petróleo na década de 1980.

Somente nos a partir de 1990 e encontra um período de maior estabilidade, especialmente entre 1995 a 2007, sendo o momento em que a República Popular da

China se insere como o maior exportador do mundo e também formaliza sua importância comercial e geopolítica.

Sendo um momento de crescimento econômico mundial, e também um período de grande industrialização a China observa um grande salto antes da crise econômica internacional do *subprime*, se recuperando rapidamente nos próximos anos, chamando a atenção de diversos analistas pelo papel e a importância do estado na manutenção dos níveis de demanda agregada e consumo doméstico, em uma crise financeira de tal tamanho que abalou o poder de compra mundial, especialmente a América do Norte e a Europa. A partir dos anos 2010 se inicia um período que é chamado de “o novo normal” chinês (CASTRO, 2014) em que o crescimento econômico se mantém, porém a níveis mais discretos se comparados com as taxas exorbitantes de 10, 14% a.a. e em uma tendência de redução entre elas, contudo ainda são taxas muito superiores do que a média mundial, variando de 7,9 à 6,6% as taxas de crescimento na década em questão. Esse fenômeno pode se dar por diversas causas, desde uma possível armadilha da renda média (SILVA, 2012) ou simplesmente ser um processo decorrente do crescimento econômico nacional.

O PIB per capita cresceu no mesmo período de US\$ 2.771,00 para US\$ 25.026,00 (Chinese National Bureau of Statistics 2018); assim representando um aumento de 823,22% no poder de compra médio, taxas contrastantes se comparadas com as mundiais, que teve uma média de crescimento do PIB de 1,3680% saindo de US\$ 1.654.786,00 per capita para US\$ 3.076.013,00 (World Development Indicators, atualizada pela última vez em 28/05/2020).

O mérito do sucesso econômico chinês é multifatorial, no que se pode abordar suas variáveis macroeconômicas, que são frutos de um planejamento de estado de longo prazo, especialmente se considerarmos há quanto tempo que a China vem se posicionado como um grande player mundial, tanto como ofertante quanto como demandante de bens e serviços, e isso não é surpreendente se levarmos em consideração suas taxas de crescimento, que implicam que com o aumento da riqueza vem também o aumento do consumo.

Uma discussão essencial de se fazer é como que se deu esse crescimento, ou seja, qual a *qualidade* da economia chinesa? Esse questionamento não deve ser feito de modo moral, mas sim para compreender o que compõe esse crescimento, quais seus principais setores determinantes e como que essa nova

riqueza se distribuiu. O gráfico 02 a seguir auxilia a compreender como a questão da composição do produto interno evoluiu ao longo do tempo

A compreensão desse aumento de produção nos indica uma expansão da economia. É importante perceber que por mais que esses dados não forneçam detalhes mais minuciosos dos setores econômicos, eles fornecem um bom panorama sobre em quais proporções esse enriquecimento está nos dando, uma vez que eles mostram a composição básica do PIB que é:

$$Y = C + G + I + (X - M)$$

Y = Produto Interno Bruto

C = Consumo Privado

G = Consumo final do governo

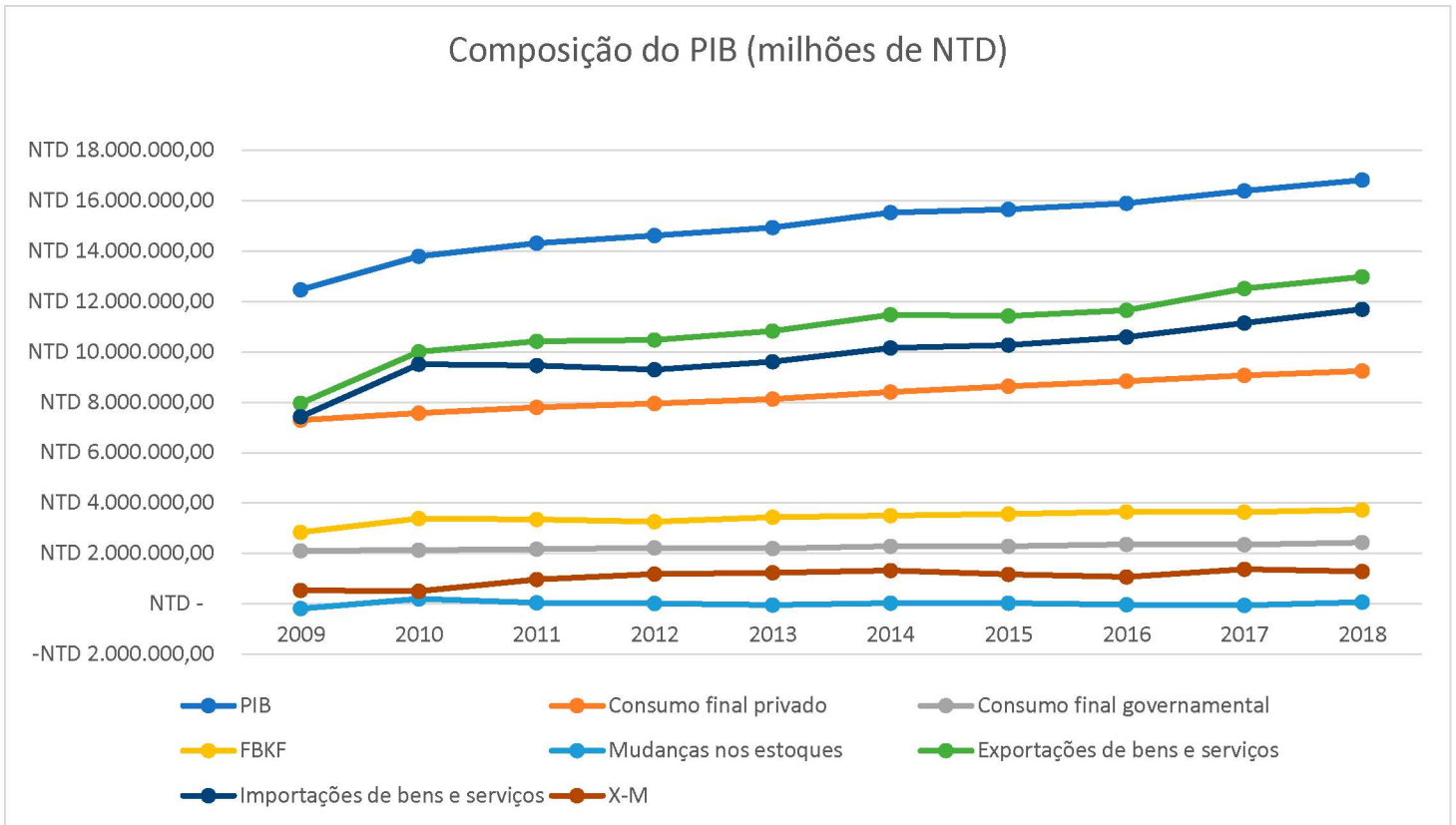
I = investimentos

(X-M) = Saldo Comercial = Exportações (X) – Importações (M)

Essa leitura da composição do PIB, nomeada como ótica da despesa, que apresenta a composição do PIB de acordo com seus gastos, ou seja, especialmente pela demanda.

Gráfico 02: composição do PIB chinês 2011-2018

Composição do PIB (milhões de NTD)



FONTE: Chinese National Bureau of Statistics

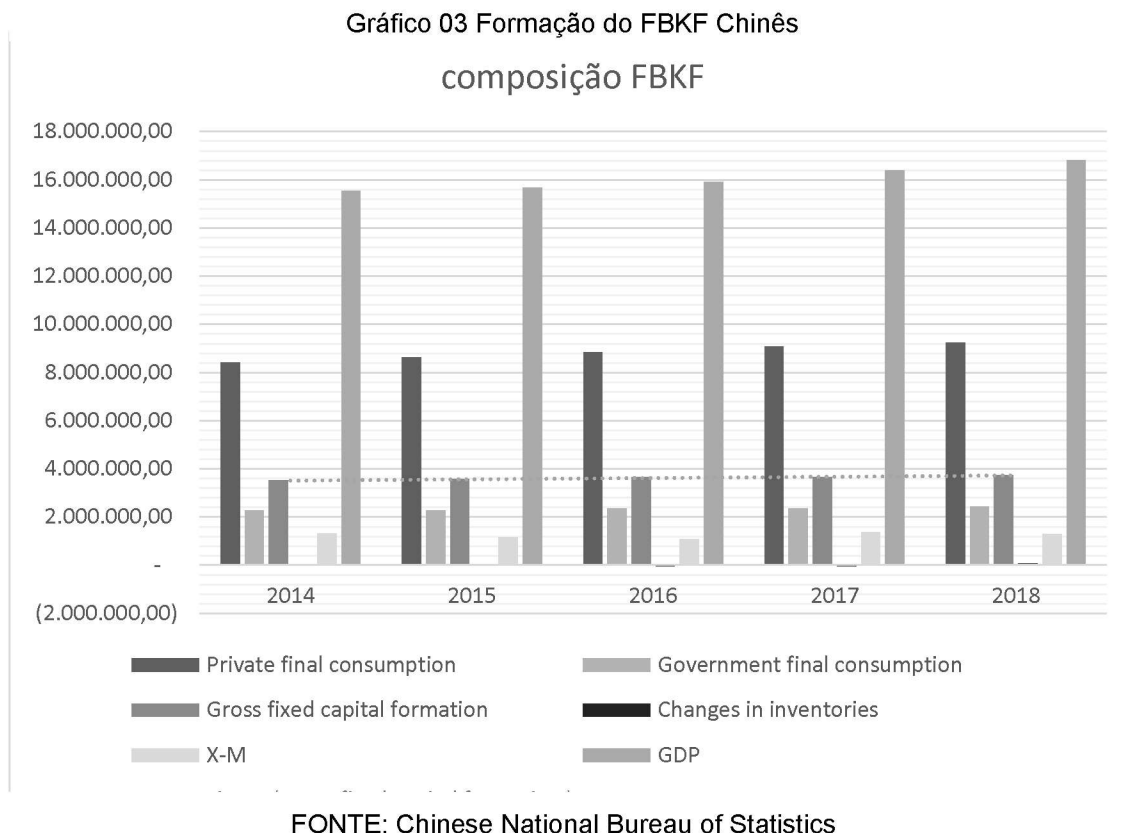
Algumas questões devem ser pontuadas sobre a composição do PIB chinês no período em questão, como delimitar o tamanho das exportações na composição da riqueza do país, que é desde 2009 o maior exportador do mundo, tendo em 2018 atingido US\$ 2.750.811.000.000,00 que corresponde com 14,57% do volume total de exportações do mundo (World Trade Organization). Importante destacar a similaridade das curvas de crescimento do PIB e a exportação de bens e serviços, uma vez que esse é o componente mais relevante da composição do produto chinês, sendo em média 72,68% do valor total. A constância de um saldo comercial positivo, com alterações discretas em seus valores nos demonstra além de um dos motivos do crescimento constante do PIB a importância comercial chinesa, que além de serem valores enormes no que se refere ao comércio mundial, mas também demonstram a soberania comercial chinesa; que por mais que seja altamente dependente do comércio exterior, sua posição como grande importadora a coloca como uma das determinantes de preço e de comércio internacional.

Por mais que todos os indicadores tenham sofrido variações, uma se destaca em sua relativa estabilidade: o consumo final do governo (G). A estabilidade do volume de consumo governamental demonstra um compromisso político-econômico sério e estável. Os investimentos governamentais orçamentários são estáveis, não se alteram de acordo com o balanço corrente das contas públicas, se fosse o caso acompanharia de modo mais claro o comportamento do crescimento do PIB; é de suma importância compreender o peso e o valor de um estado planejador e ordenador (WEBER, 2020) para o avanço da produção.

O que pode ser percebido, é uma tendência muito similar da tendência do PIB com duas variáveis especialmente, o consumo final Privado que já foi observado antes, e também com o próprio FBKF. O medidor da Formação Bruta de Capital Fixo (FBKF) indica a capacidade de produção do país e de seus setores, ou seja, como que as firmas tanto públicas quanto privadas estão se comportando. Esses sendo os maiores índices que compõem o PIB, sendo a média de cada um deles no período em questão 55% e 22,53%. Uma similitude nas tendências desses índices não nos indica somente que o enriquecimento chinês se deu tanto pelo aumento de produtividade das empresas quanto por um aquecimento do mercado doméstico; ou seja, por mais que a China seja o grande exportador mundial, grande parte de seu sucesso econômico está em sua política doméstica.

Outro dado que vem apresentando ascendência, tendo seu maior pico em 2018, é a compensação dos empregados, ou seja, um aumento real da massa salarial, que seguindo a tendência de aumento do consumo privado, comprova um enriquecimento da população. O aumento do consumo, simultâneo com o aumento da massa salarial e do PIB nos indica não somente um enriquecimento simbólico, mas como um enriquecimento efetivo da população, que está consumindo mais e está cada vez mais dinamizada nas estruturas de mercado. A expansão dos bens e serviços que vem sendo constante também nos indica um aumento da oferta junto com o aumento da demanda que pode ser percebido pelo consumo final.

Se combinar a análise do FBKF junto com a composição do PIB, é possível ter um parâmetro melhor das variações da economia. O gráfico 03 a seguir mostra a relação entre o FBKF e alguns outros componentes em relação ao PIB.

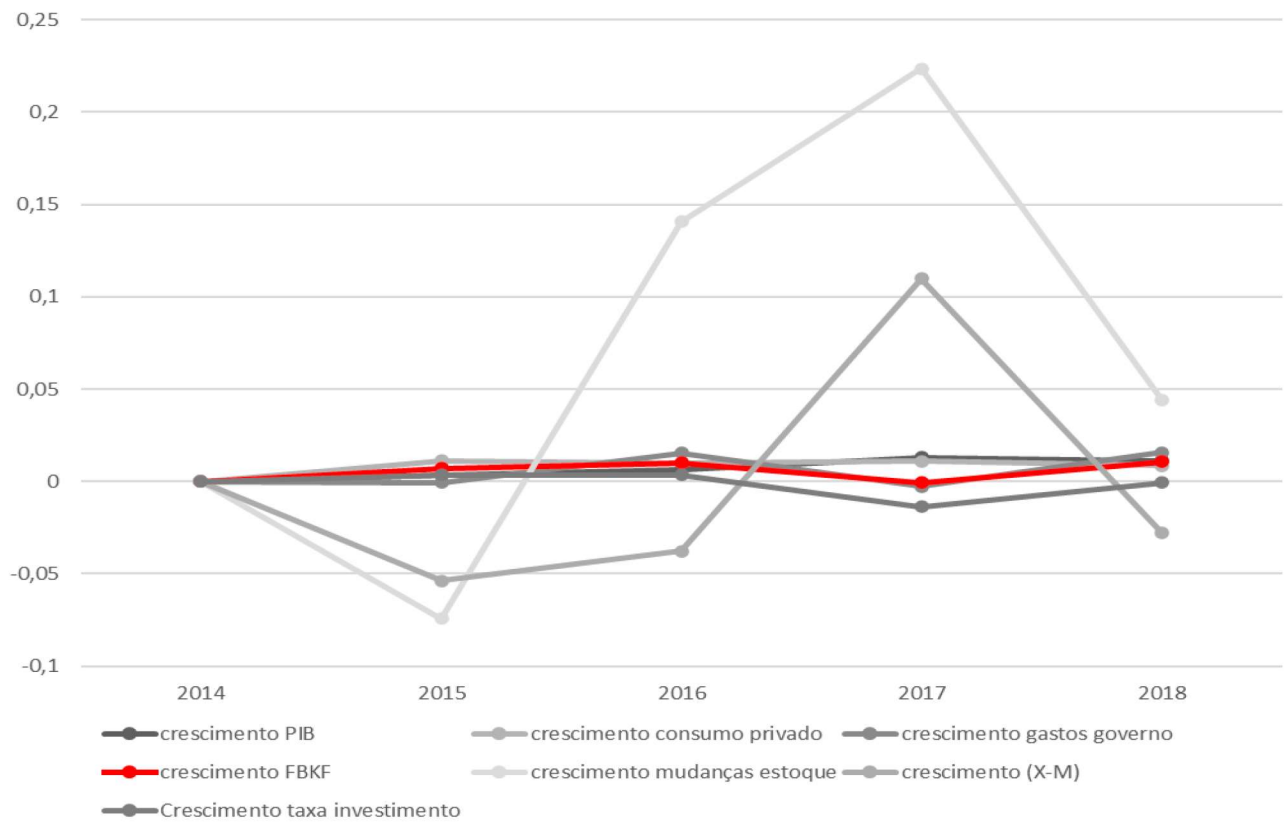


O consumo privado é o componente mais relevante por parte da demanda, o que não é uma surpresa se considerado o mercado potencial de 1.8 bilhões de chineses, agora um ponto interessante é que por mais que pequena em relação com a proporção do PIB, o FBKF possui um crescimento linear e estável, o que é realmente expressivo, pois demonstra uma continuidade nos investimentos de infraestrutura e de produção econômica chinesa. Por mais que o FBKF não seja o componente mais expressivo do PIB, seu volume de NTD 2.843.842,00 milhões de dólares taiwaneses, ou seja, US\$ 101,51 bilhões. O que mais chama a atenção nesse dado não é somente seu valor bruto, mas também o comportamento desse valor se comparado com outras variáveis, o gráfico 04 nos dá a tendência linear dos valores dos mesmos componentes do gráfico 03, porém transformados em uma base \log_{10} para que se possa observar como que esses índices variam entre si. Essa transformação algébrica aqui foi utilizada somente para melhor ilustração do comportamento das curvas.

A alta variação dos estoques por mais que seja expressiva não é surpreendente, uma vez que ela acompanha a tendência do saldo comercial e também por causa do próprio caráter da economia chinesa e o altíssimo volume de exportações e importações; é comum para economias *export driven* terem oscilações assim em seus bens materiais de consumo curto/médio. O que mais chama a atenção nesse gráfico é a relação similar entre os gastos do governo e o FBKF; por mais que esses dados não sejam os mais elevados dentro da própria composição do PIB, o fato de ambos serem altamente estáveis e de comportamento similar comprovam duas grandes questões sobre a economia chinesa: o seu alto caráter de planejamento e a grande influência do estado em sua tomada de decisão.

E resta então discutir o desenvolvimento do investimento chinês em relação ao PIB. Para a discussão a seguir está sendo válida a interpretação do Investimento como um componente agregado da composição do PIB. Observamos a progressão da FBKF em relação ao PIB o que nos demonstrou a direção de uma política econômica de construção de bens materiais de longo prazo, e por mais que o FBKF seja uma variável expressiva do investimento, não é a única. Uma vez que investimento é definido por aquilo tudo que é produzido em um período, mas não consumido nele mesmo (PAULANI, BOBIK, 2007). Então analisar o investimento não desagregado possibilita ter uma noção em como o componente evoluiu ao longo do tempo e em relação ao PIB. Seguem os dados abaixo.

GRÁFICO 04 – TENDÊNCIA DE COMPORTAMENTO DOS COMPONENTES
MACROECONÔMICOS



FONTE: Chinese National Bureau of Statistics

QUADRO 02 – RELAÇÃO INVESTIMENTO/CRESCIMENTO DO PIB

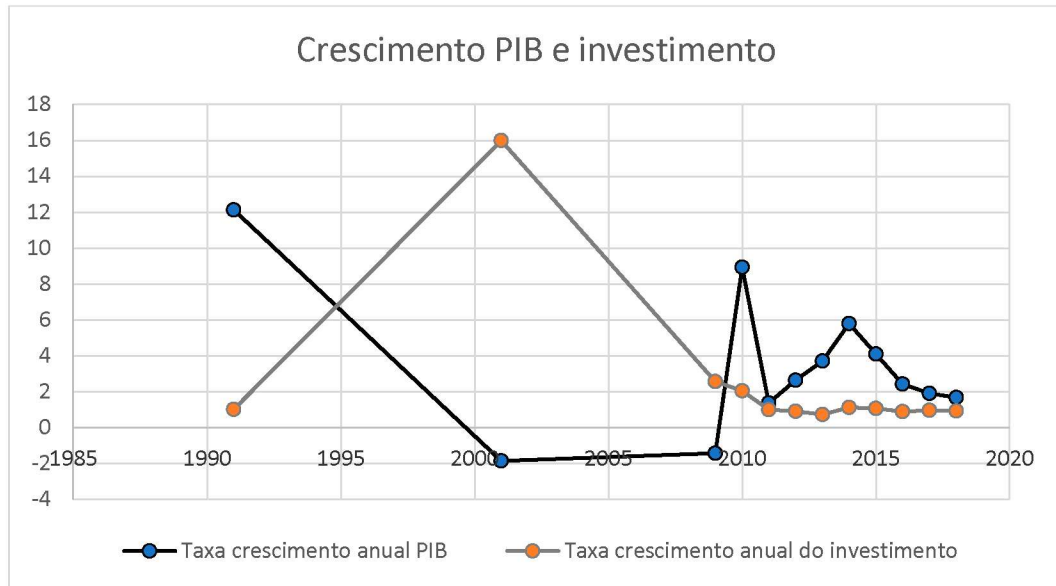
Ano	Total PIB	Taxa crescimento anual PIB	Investimento Total	Taxa crescimento anual do investimento
1991	\$ 5.023.763,00	12,13	\$ 17.415,80	1
2001	\$ 10.158.209,00	-1,87	\$ 278.414,70	15,99
2009	\$ 12.961.656,00	-1,44	\$ 714.259,33	2,57
2010	\$ 14.119.213,00	8,93	\$ 1.461.787,22	2,05
2011	\$ 14.312.200,00	1,37	\$ 1.437.662,45	0,98
2012	\$ 14.686.917,00	2,62	\$ 1.279.207,71	0,89
2013	\$ 15.230.739,00	3,7	\$ 919.009,03	0,72
2014	\$ 16.111.867,00	5,79	\$ 1.027.656,97	1,12
2015	\$ 16.770.671,00	4,09	\$ 1.096.548,53	1,07
2016	\$ 17.176.300,00	2,42	\$ 967.073,16	0,88
2017	\$ 17.501.181,00	1,89	\$ 924.886,21	0,96
2018	\$ 17.793.139,00	1,67	\$ 849.772,95	0,92

FONTE: Chinese National Bureau of Statistics

As taxas de crescimento que observamos na tabela acima são relativas de um ano em relação ao anterior, o que explica o porquê de observar um crescimento no montante do PIB, porém uma taxa negativa nos anos 2001 e 2009, porque esses anos presenciaram um crescimento relativo menor do que nos anos anteriores. A primeira coisa a se perceber é que a tendência dos investimentos em relação ao PIB, não são necessariamente convergentes, como já foi estabelecido, o crescimento do PIB chinês tem sido de direção positiva, e a tendência do investimento tem sido a mesma, contudo isso não nos indica que existe correlação direta entre ambas as variáveis. Essa é uma discussão importante para que se possa reparar se há ou não uma correlação direta entre o PIB e o investimento.

A relação entre PIB e investimento é um tema sensível pois há uma tendência em diversas políticas econômicas que o investimento aumenta quando o produto cresce e é extremamente relevante perceber que a questão do investimento chinesa não segue o mesmo comportamento, pois mostra que a decisão de investir tem um plano próprio além da conjuntura. O que nos demonstra uma consistência em seu planejamento. O gráfico abaixo demonstra a relação entre as taxas de crescimento anuais do Investimento e do PIB. O objetivo dessa demonstração não é nem fazer uma correlação inversa, somente ilustrar como as taxas evoluíram nos últimos anos.

GRÁFICO 05 – COMPARAÇÃO COMPORTAMENTO CRESCIMENTO PIB E INVESTIMENTO



FONTE: Chinese National Bureau of Statistics

O que primeiro salta o olhar é que não observamos um padrão direto entre as taxas de crescimento, e que no que tange o investimento, a partir de 2010 dá para se observar uma taxa mais constante de crescimento do investimento. De 1991 até os anos 2000 percebe-se o crescimento exorbitante já concluído neste trabalho, e a taxa negativa do PIB se dá pelo fato de que é o crescimento em relação anterior, por isso pode-se perceber taxas negativas em alguns momentos ao mesmo tempo que o montante do PIB cresce, e o mesmo serve para discutir o investimento, observa-se que em alguns anos o volume do investimento reduz em relação o ano anterior, ao mesmo tempo que a taxa cresce.

Por mais que não se possa observar uma relação direta entre as taxas de crescimento do PIB com as taxas de crescimento do Investimento, isso não reduz a importância do componente na composição do produto chinês, como se pode observar a seguir:

TABELA 1 – INVESTIMENTO EM RELAÇÃO AO PIB (%)

Ano	investimento em relação ao PIB (%)
1991	0,35%
2001	2,74%
2009	5,51%
2010	10,35%
2011	10,05%
2012	8,71%
2013	6,03%
2014	6,38%
2015	6,54%
2016	5,63%
2017	5,28%
2018	4,78%

FONTE: Chinese National Bureau of Statistics

A partir dos anos 2000 o Investimento se torna um dos componentes mais importantes da economia chinesa, tendo seu ápice na participação do PIB em 2010 e 2011, muito provavelmente como uma reação à crise internacional de 2008, se valendo do Investimento como uma estratégia para aumentar a demanda agregada, sendo essa uma estratégia anticíclica em períodos de crise (JABBOUR, 2019), tanto que nos anos a seguir pode-se observar uma redução gradual, mas ainda com uma participação extremamente relevante. A redução do investimento no PIB não quer dizer que o investimento total reduziu necessariamente, mas sim que ele reduziu em relação ao PIB, ou seja, se o PIB tivesse tido um aumento e o Investimento se mantivesse constante a participação seguiria reduzindo; o que observamos no caso chinês é uma combinação de fatores.

A composição do PIB chinês nos mostra como que se deu o crescimento econômico que vem impressionando e mudando as relações comerciais internacionais (STUENKEL, 2016) O crescimento econômico chinês constante é o fruto de uma política de planejamento e desenvolvimento extensiva, com foco em componentes da demanda como consumo, investimentos e gastos do governo (JABBOUR, 2018).

4.2 A SITUAÇÃO DO EMPREGO

Um dos pontos para compreender a estrutura de um país, é analisar sua situação de emprego. A questão trabalhista é crucial não somente para entender o padrão e qualidade de vida da população, mas também como a estrutura produtiva está se modificando (ZHANG, 2019).

A evolução dos setores produtivos na economia representa a mudança tecnológica e social que ocorre, o aumento dos setores de serviços (setor terciário) é um grande representante do aumento da urbanização e do aumento da capilaridade e dinamicidade econômica; a relação entre os setores secundário e primário (indústria e pecuária, respectivamente) nos informa não somente da qualidade do emprego e da produtividade dos trabalhadores, mas também da produtividade de tais setores da economia, e da importância da relação trabalhador/capital.

A relação do potencial de empregados é relevante para perceber como está se dando o processo de urbanização e de desenvolvimento social, uma vez que o emprego é não somente a principal fonte de renda da população, mas também uma garantia de diversos direitos e acesso à diversos sistemas, sendo os mais relevantes deles o previdenciário e de saúde (WONG, 2008).

O propósito dessa sessão é a análise longitudinal dos dados de emprego; os dados tratados têm como fonte o próprio Anuário Estatístico da República da China 2018. A discussão da mudança da relação de emprego nos últimos anos será feita em comparação com o crescimento demográfico, lembrando dos dados de industrialização da nação.

A tabela 01 nos demonstra como se deu a situação da relação entre a PEA (População Economicamente Ativa) e a população total chinesa que está disponível para força de trabalho, desde 1952 até 2018.

TABELA 2 – PEA EM RELAÇÃO POPULAÇÃO DISPONÍVEL

Ano	População total disponível para a força de trabalho	PEA	%
1952	8.325.000,00	4.485.000,00	53,87
1971	14.848.000,00	8.444.000,00	56,87
1981	17.973.584,00	11.697.689,00	65,08
1991	20.456.471,00	14.495.794,00	70,86
2001	22.281.498,00	17.179.298,00	77,1
2009	22.977.143,00	18.854.714,00	82,06
2010	23.035.671,00	19.062.275,00	82,75
2011	23.076.660,00	19.253.261,00	83,43
2012	23.147.649,00	19.436.071,00	83,97
2013	23.218.366,00	19.586.995,00	84,36
2014	23.262.063,00	19.704.987,00	84,71
2015	23.318.673,00	19.842.096,00	85,09
2016	23.364.371,00	19.962.140,00	85,44
2017	23.404.349,00	20.049.057,00	85,66
2018	23.424.820,00	20.128.550,00	85,93

FONTE: Chinese National Bureau of Statistics

A população chinesa disponível para trabalho praticamente triplicou de tamanho nas últimas seis décadas, saindo de 8,3 milhões e atingindo a 23,4 milhões de pessoas, como indica a tabela 02.

O esforço de empregar a população por parte do PCCh fez com que a taxa de desemprego não acompanhasse a mesma velocidade do aumento da população disponível para empregabilidade (vide tabela 02), se antes quase metade da população chinesa estava fazendo parte do grupo de pessoas inaptas a procurar emprego, o equivalente a 339.356.761 habitantes, em 2018, considerando que pouco menos de 15% da população corresponde a idosos, crianças e pessoas não aptas para emprego (CSY, 2018), esse número equivale a 201.505.328 cidadãos. É um dado relevante ao reparar que o número de pessoas inaptas a trabalhar seguiu uma tendência oposta ao crescimento demográfico levando em conta o que a China vivenciou nas últimas cinco décadas, ou seja, mesmo com sua população praticamente dobrando de tamanho, o número total de desempregados possíveis diminuiu.

O quadro 03 demonstra a relação entre empregados e desempregados na China, desde 1952 até 2018.

QUADRO 03 – RELAÇÃO DA POPULAÇÃO CHINESA EMPREGADA

Ano	População total	População empregada			Desempregada	
		Valores Absolutos (x 1000 habitantes)	Quanto % da população total	Quanto % da PEA	Valores Absolutos (x1000 habitantes)	Taxas de desemprego totais (%)
1952	8325	2893	34,75	95,48	137	4,52
1971	14848	4738	31,91	98,32	80	1,66
1981	17973,584	6672,038	37,12	98,64	129,085	1,36
1991	20456,471	8439,047	41,25	98,49	178,858	1,51
2001	22281,498	9382,54	42,11	95,43	597,534	4,57
2009	22977,143	10278,632	44,73	94,15	873,662	5,85
2010	23035,671	10493,143	45,55	94,79	791,63	5,21
2011	23076,66	10708,808	46,41	95,61	685,189	4,39
2012	23147,649	10859,924	46,92	95,76	675,396	4,24
2013	23218,366	10967,165	47,23	95,82	669,86	4,18
2014	23262,063	11078,687	47,63	96,04	638,28	3,96
2015	23318,673	11197,8	48,02	96,22	617,144	3,78
2016	23364,371	11267,199	48,22	96,08	644,955	3,92
2017	23404,349	11351,718	48,5	96,24	623,775	3,76
2018	23424,82	11434,115	48,81	96,29	624,017	3,71

FONTE: Chinese National Bureau of Statistics

É possível identificar uma certa constância na empregabilidade chinesa, sendo que as variações da proporção da PEA que se manteve empregada ao longo das gerações (variação de menos de 2% ao longo de cinco décadas); por mais que podemos observar um aumento expressivo da população total empregada, de 395%, especialmente após os anos 2000, esse fator pode ser explicado por alguns fenômenos culturais importantes: o envelhecimento da população chinesa, as grandes migrações do campo para a cidade e o próprio aumento populacional (STEPAN, 2008). agora o que mais chama a atenção é o contraste dos valores absolutos de desempregados e a relação desses valores com as taxas de desemprego total. Por mais que os valores absolutos tenham crescido de 137 mil habitantes para 624 mil, nas últimas décadas, a taxa se manteve reduzindo, com exceção no período pós crise de 2009, que foi quando atingiu seu ápice de 5,85% de desempregados, com esses dados, pode-se constatar que a China conseguiu desenvolver empregos o suficiente para abastecer seu aumento populacional.

A discussão de como esse emprego se encontra e se distribui é relevante para a compreensão de como se deu a mudança dos extratos sociais.

Se a maioria dos empregados de uma nação está alocada no setor agropecuário é fácil a conclusão de que esse é um setor socialmente relevante, por mais que não seja o maior na composição da produção econômica, posição concedida ao setor terciário. A tendência é que a participação da produção nacional e emprego, sejam correlatos (SOUZA, 2018); o quadro 03 apresentam esses números.

QUADRO 04 – RELAÇÃO DE EMPREGADOS POR SETOR (x1000)

Ano	Total	Setor Primário	Setor Secundário	Setor Terciário
1978	6231,32	1552,789	2459,513	2219,01
1981	6672,04	1256,793	2828,14	2587,10
1991	8439,05	1092,546	3369,966	3976,53
2001	9382,54	705,745	3431,728	5245,07
2006	10111,3	554,282	3700,064	5856,93
2009	10278,6	542,795	3684,434	6051,40
2010	10493,1	550,014	3769,29	6173,84
2011	10708,8	542,033	3891,51	6275,27
2012	10859,9	544,147	3935,08	6380,70
2013	10967,2	543,76	3965,221	6458,19
2014	11078,7	548,106	4004,088	6526,49
2015	11197,8	554,583	4034,686	6608,53
2016	11267,2	557,331	4043,084	6666,78
2017	11351,7	557,000	4062	6732,00
2018	11434,1	561,000	4083	6791,00

FONTE: Chinese National Bureau of Statistics

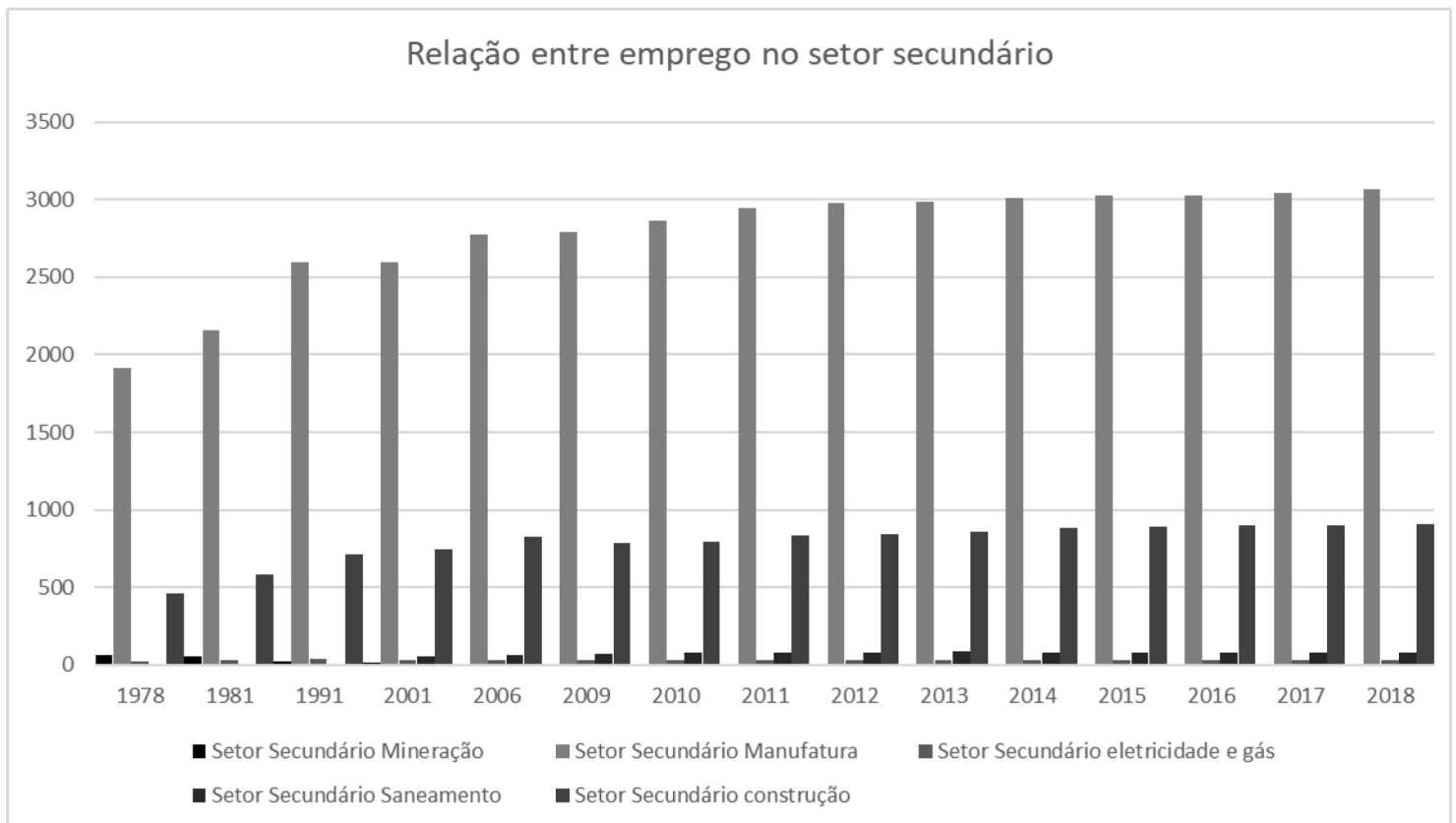
O aumento da quantidade total de empregos se manteve contínuo ao longo dos anos. Com saltos altos de 1981 a 1991, depois um aumento de mais 11% até 2001 e com crescimento relativo e constante desde 2006 até 2018. A partir de 2006 que podemos perceber que o acréscimo na quantidade de empregos se dá de modo mais relevante no setor terciário, que desde 2001 já é o maior empregador da economia chinesa, porém a partir de 2006 que toma uma vantagem expressiva em relação ao setor secundário. O setor secundário se manteve aumentando desde 1978, porém de modo muito mais gradual se comparado com o setor terciário, o que é explicável pelo ordenamento das políticas de planejamento industrial do país.

O aumento do setor terciário na economia representa muito sobre qual foi o caráter que o trabalhador chinês adquiriu nos últimos anos. Alguns fenômenos são dignos de destaque, o primeiro é que além do crescimento geral de emprego nos setores secundário e terciário houve uma transferência dos empregos no setor primário para os respectivos setores nos últimos anos, o que condiz com a realidade

social de urbanização que acompanha o país nos últimos anos. Por mais que o número de empregados totais tenha praticamente dobrado nos últimos anos, a quantidade relativa de empregados na agropecuária caiu para praticamente um terço do seu volume inicial, enquanto as outras repartições dobraram seu número de empregados. Ou seja, se pode observar não somente uma redução relativa como também uma absoluta do número de empregos agrários, o que condiz com o processo de modernização do campo e do aumento de produtividade da agropecuária que a China vem passando nos últimos anos (NOGUEIRA, BRAGA, 2018).

Ainda assim se torna necessária uma explanação mais detalhada em como se deu o aumento do emprego dentro desse processo de industrialização, como pode-se observar no gráfico 05.

GRÁFICO 05 – RELAÇÃO DE EMPREGO NO SETOR SECUNDÁRIO



Por mais que é fácil de observar a importância do setor manufatureiro para o emprego chinês, que é um fenômeno facilmente explicável considerando o plano econômico de Xiaoping aliado do baixo custo da mão de obra chinesa (MEDEIROS, MORAIS, 2011), é interessante notar o aumento do setor elétrico e de gás, não só

porque ele é essencial para o processo de desenvolvimento tecnológico, mas também porque a expansão do setor implica em uma continuidade de investimentos de médio/longo prazo, ou seja, planos maiores para a acessibilidade tecnológica do país, como vimos no próprio gráfico 03, de composição do FBKF.

O aumento da construção civil também condiz com os planos de expansão de moradias e logo, de urbanização. Expansão de empregos não é sinônimo de expansão de investimentos, contudo indica muito sobre a expansão setorial em si, e é importante notar como tem se dado o processo de industrialização chinês, que está cada dia mais distante de suas origens como país de economia e emprego majoritariamente agrários.

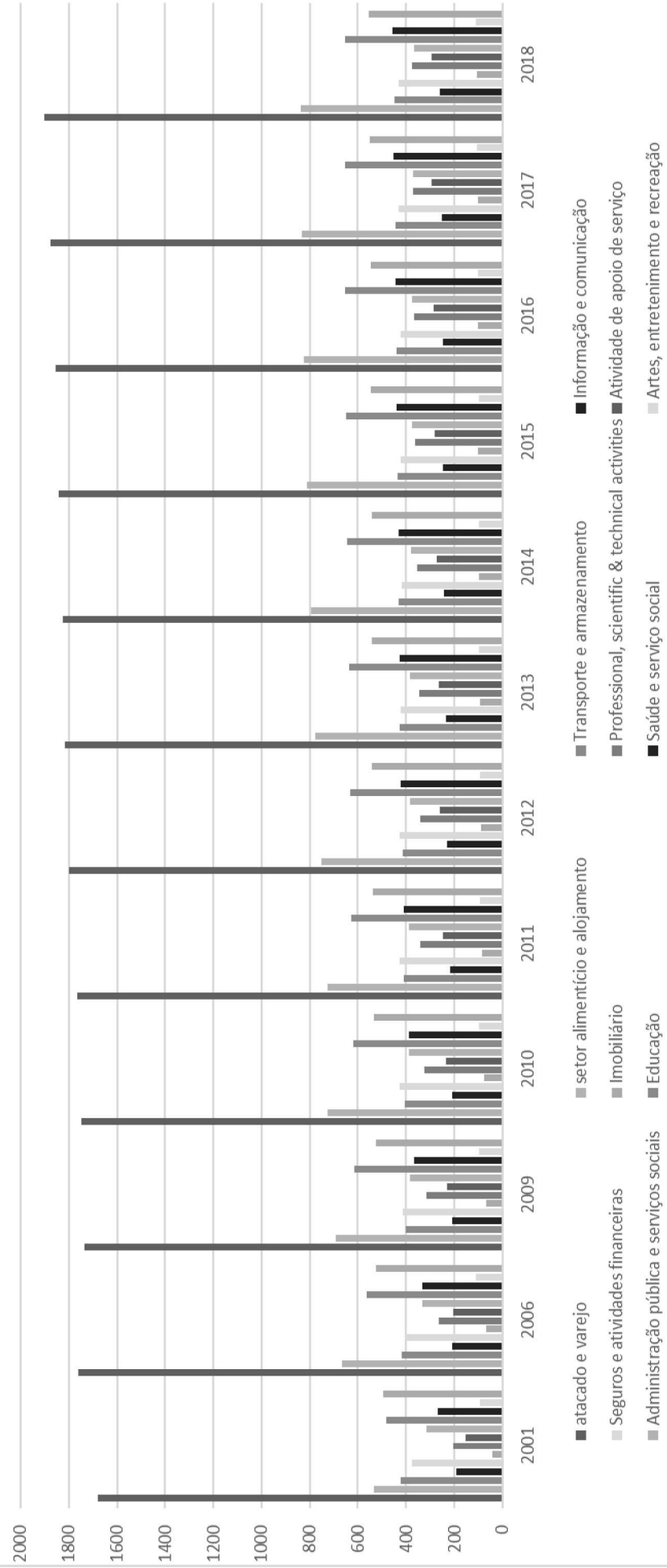
É interessante perceber a relativa estabilização que o crescimento de emprego no segundo setor experiencia após 2006, não somente porque a relação entre os ramos fica mais estável, mas porque se compararmos com os dados atribuídos antes, percebemos que a crescente constante de emprego que a China tem vivido é muito mais condizente com outros setores do que este propriamente, não é um dado surpreendente dado a característica do setor: a estabilidade dele não implica em estagnação ou regressão econômica, afinal se o número de obras se mantém estável ao longo do tempo, o que observamos é crescimento econômico.

A urbanização econômica é condizente com o processo global de avanço tecnológico e social que acompanha a chamada 4ª revolução industrial e o que tem sido um dos determinantes para a China estar ocupando cada vez de modo mais relevante seu espaço na economia internacional (NAPOLEONI, 2011). Tem sido sua constante inserção nas novas modalidades econômicas. O baixo custo em mão de obra e altos volumes de exportações não explicam alguns dos fenômenos mais relevantes da economia chinesa na última década, um deles sendo como a China navegou a crise de 2009, por mais que no ano em questão ela tenha enfrentado uma contração do PIB, a partir de 2010 o país já conseguiu retomar suas taxas de crescimento e se posicionou para a estabilização econômica, se a economia chinesa mantivesse a mesma dependência do mercado estrangeiro que possuía outrora, tal resultado não seria possível. Por mais que as exportações sempre se mantiveram relevantes na composição do PIB chinês (ver figura 2), a importância relativa de outros setores aumentou, nesse caso o que se torna mais relevante é o papel do mercado doméstico urbano, e tal fenômeno se reflete também na questão do emprego, especialmente no setor terciário, que fornece um recorte visual de como estão se

posicionando as pessoas e de onde está vindo a maior quantidade de renda das mesmas. Ao que tudo indica a economia chinesa está cada vez mais próxima de uma economia *consume driven* do que uma *export driven*.

Como já foi demonstrado antes, desde 2001 mais de 55% dos empregos advém de serviços, e esse número vem aumentando, alcançando 59,4% em 2018, quase 60%. Não somente o montante de ofícios cresceu como também se pode observar o intuito e planejamento de manter essa política a longo prazo, uma vez que não observamos grandes pontos de ruptura, mas sim tendências contínuas, o que reflete na capacidade de gestão do estado e a clara adesão da população. Mais uma vez podemos perceber a importância do planejamento para o crescimento e sucesso chinês.

Relação de emprego no setor terciário



Não é surpreendente o tamanho relativo do setor de atacado e varejo no emprego da população chinesa, dado o histórico do país como exportador de manufaturas de baixo valor agregado; contudo há três setores de emprego que valem a análise mais detalhada, por mais que em volume não se aproximem do primeiro citado, o aumento de sua composição relativa é interessante, são eles: imobiliário, educação e seguros e atividades financeiras. O setor imobiliário é interessante porque ele indica uma maior necessidade de alocar pessoas para compra e venda de imóveis, tanto comerciais quanto de moradia, o que condiz com o que foi discutido de aumento do consumo privado e de PIB per capita e também é um bom indicador da comunicação entre os setores, nesse caso construção civil e mercado imobiliário; ou seja, além do enriquecimento da população, pode-se observar um real aumento do poder de compra. Os empregos na área de educação sofreram uma ampliação de 35%, como não há discriminação entre os ramos que foram divididos (universitários, formação técnica, educação básica, etc), o que reforça mais ainda a importância do planejamento, pois mesmo que não seja de influência/investimento direto do estado, demonstra uma reação positiva da população no que trata aderência às políticas públicas.

O crescimento dos setores de apoio a serviço e de informação e comunicação corroboram com a alteração do perfil de consumo da população chinesa, muito mais tecnológica e ativa com as novas mídias e tecnologias. A constância da administração pública nos mostra um tamanho grande e estável do Estado chinês, sendo uma média de 3700075 empregos ao longo desses 17 anos, ou seja, 5,86% dos empregos nacionais são empregados pelo estado, uma taxa de emprego por parte do estado muito similar com a dos próprios Estados Unidos da América, o que é uma empregabilidade expressiva para a máquina pública.

A compreensão da expansão universal do emprego demonstra não somente uma economia crescente, mas também uma economia que está ativando cada vez mais a sua própria demanda interna, entendendo-se demanda interna como corresponde ao total de gastos em produtos finais da economia, equivalendo ao PIB, deduzidas as exportações e acrescidas as importações, ou seja, à parte equivalente ao $C+G+I+M$ da equação número 1. Consumo se expande com o aumento da renda e de gastos privados, o aumento do consumo do governo é lógico que ocorra com a expansão trabalhista, tanto por parte de investimentos em infraestrutura quanto para gastos com a manutenção do trabalhador (saúde, educação, segurança, etc.). O

aumento das importações é decorrente do aumento do consumo, e investimentos privados seguem a lógica de acompanhar o crescimento econômico; por isso não é fora da realidade utilizar a expansão do emprego como um índice de crescimento ou contração econômico, tanto que já é fato dado o tanto que o desemprego é um mal para a economia e sociedade como um todo.

É relevante a percepção de que a criação dos empregos chineses segue a mesma tendência e direção que seus outros planejamentos e investimentos macroeconômicos, não somente para percebermos que o avanço econômico possui escoamento tanto produtivo quanto consumidor, mas também que há uma comunicação forte entre o PCCh e os outros setores e planejamentos do governo, há uma aderência forte às políticas públicas, e independente de julgamentos de valor, é um fenômeno que deve ser observado e absorvido pelo resto da população mundial.

4.3 EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA

O desenvolvimento das forças produtivas indica diversas qualidades em uma economia, desde a produtividade (média, esperada, etc.) até o aumento do valor agregado nos bens produzidos e serviços prestados.

É comum associar índices de investimento na educação, ensino e pesquisa à sinais de avanço social. A educação é um bem não material, com efeitos extremamente positivos em longo prazo, pois aumenta a pesquisa, desenvolvimento, tecnologia e assim se segue para o aumento de competitividade em escala internacional, tanto para a redução da dependência de importação tecnológica, quanto para um posicionamento externo (JABBOUR, DANTAS, 2021).

Acompanhar como o estado chinês tratou a educação nos últimos anos é essencial para compreender o avanço tecnológico e como o próprio estado e PCCh como instituições e entes tratam a questão. Se torna necessário compreender que a ótica de que o aumento da produtividade/criação de tecnologia não é somente um avanço da *supplieside economics* (JABBOUR, 2020), mas sim é algo que se gera e cria pelo investimento e pelo aumento de gastos e demanda por parte do governo, é o que as tabelas a seguir nos indicam, e a discussão do investimento da educação como uma pauta sociopolítica por parte do Estado, tanto como forma de ascensão social como investimento na economia de longo prazo (KORNBERG, FAUST, 2005)

QUADRO 05 – GASTO EM EDUCAÇÃO

Ano	Gasto total em educação				Gasto do governo	
	Valor em milhares de NT\$	Gasto em % do PIB	Gasto em % do PIB público	Gasto em % do PIB privado	Valor per capita em milhares de NT\$	Gasto em % do PIB
1951	\$ 213.082,00	1,69	1,69	-	\$ 28,00	9,93
1971	\$ 11.236.766,00	4,49	3,62	0,87	\$ 614,00	16,51
1981	\$ 74.112.578,00	4,44	3,61	0,83	\$ 3.312,00	14,71
1991	\$300.965.051,00	6,2	5,09	1,1	\$ 12.011,00	17,77
2001	\$590.444.164,00	5,7	4,25	1,46	\$ 18.160,00	17,91
2009	\$778.262.118,21	5,82	4,45	1,37	\$ 23.025,00	19,93
2010	\$765.283.147,22	5,26	4,02	1,24	\$ 22.312,00	20,13
2011	\$784.518.065,20	5,34	4,11	1,23	\$ 23.156,00	20,58
2012	\$817.856.781,65	5,40	4,11	1,29	\$ 23.538,00	20,49
2013	\$832.633.477,75	5,32	3,97	1,35	\$ 23.677,00	20,76
2014	\$843.744.692,00	5,09	3,81	1,28	\$ 24.074,00	21,32
2015	\$857.243.727,14	4,95	3,72	1,24	\$ 24.489,00	21,75
2016	\$873.999.538,01	4,94	3,71	1,23	\$ 25.075,00	21,5
2017	\$887.919.738,83	4,94	3,73	1,21	\$ 25.519,00	21,65
2018	\$903.311.198,45	4,98	3,76	1,22	\$ 25.856,00	20,62

FONTE: Chinese Bureau of Statistics

O que mais chama a atenção é a constância de investimento na educação de 2001 em diante, em que o total do PIB para educação oscilou perto de 5%, tendo seu pico relativo em 2012 e seu piso em 2009, contudo o montante monetário investido sempre aumentou, tendo um salto de mais de 313 trilhões de dólares taiwaneses em investimento, o que equivaleria a 74 trilhões de *remimbi* aproximadamente ou 10 trilhões de dólares americanos, o que é facilmente uma das maiores taxas de investimento em educação do planeta (MAPS OF THE WORLD).

Uma taxa de investimento na educação relativamente estável, apesar das oscilações que o crescimento chinês sofreu ao longo das duas décadas (como demonstrado no gráfico 01) demonstra um compromisso do estado chinês; tal estabilidade nos repasses demonstra o compromisso com um plano de estado. Outra taxa importante de ser analisada é a questão do percentual dos gastos totais do governo que vão para a educação, e desde 2009 há um compromisso de pelo menos um quinto dos investimentos governamentais irem para a educação, por mais que esse percentual oscile levemente para cima e para baixo nos últimos anos, o montante

total de dinheiro nunca reduziu, pelo contrário, cresceu progressivamente; contudo ainda é necessário a ressalva de que as taxas desses gastos vêm aumentando de modo declinante, com aumentos sim, mas menores do que o ano anterior (CASTRO, 2014).

A partir da década de 70 pode-se notar uma participação e preocupação maior do setor privado em relação ao futuro educacional chinês, essa colaboração dentre público e privado demonstra o caráter planejador dos investimentos em educação e não somente sua constância no longo prazo, mas também a adesão das instituições privadas, que é tanto para reforçar a importância do capital privado no desenvolvimento chinês além do consumo privado direto.

A preocupação com a educação em todos os seus níveis (básico, médio e superior) demonstra uma clara prioridade dentro do governo chinês, tanto a maior qualificação de sua mão de obra, que leva à um aumento da sua produtividade em médio-longo prazo, mas também um compromisso com a própria qualidade de vida, uma vez que sociedades mais bem educadas e com maiores índices de alfabetização possuem uma relação mais clara com o bem estar. Sempre vale lembrar a importância dos dados de educação ao se medir dados como o IDH (índice de desenvolvimento humano) e índices de felicidade.

Em trinta anos mais que dobrou o investimento absoluto em educação, que passou de NT\$ 300.965.051,00 em 1991 para NT\$ 903.311.198,45 em 2018. Por mais que o crescimento desse investimento per capita tenha sido comparativamente menor, dado o grande crescimento populacional que a China teve durante o final do século XX, agora o que manteve um comprometimento constante foi a taxa de investimento do governo, que chegou a ser 21,75% do orçamento governamental em seu ápice, no ano de 2017, por mais que no mesmo ano isso represente 3,17% do PIB total; podemos perceber que o grande guia dessa linha de investimentos e comportamentos econômicos.

O desenvolvimento tecnológico é fortemente atrelado aos investimentos em P&D (Pesquisa e Desenvolvimento) e com valores mais subjetivos e conquistas de longo prazo, ou seja, está atrelado à uma noção muito sólida de projeto. Os dados de investimento em P&D são essenciais para a compreensão de como uma nação se posiciona em relação seus planos de avanço tecnológico.

O comprometimento estatal com o avanço da qualidade das forças de trabalho é nítido, especialmente se vemos as propostas na China pós-Mao. As quatro

modernizações propostas por Deng Xiaoping foram extremamente relevantes não somente para um avanço tecnológico, mas também social no que tange as forças produtivas chinesas, em 2019 Xi Jinping reafirmou esse compromisso, especialmente nas áreas de inteligência artificial, nano tecnologia e informática.

O investimento direto em P&D (pesquisa e desenvolvimento) revela quais são as prioridades formativas de uma nação, e como ela visualiza os caminhos do seu futuro. Um alto e constante investimento em P&D, especialmente em setores especializados e organizações norteadoras traz diversos benefícios tanto empregatícios quanto de retorno tecnológico e intelectual, uma vez que os grandes centros de ciência e desenvolvimento que existem foram todos construídos por entre muito tempo.

Uma das características da economia chinesa que mais chamou a atenção internacional nos últimos anos foi a mudança do caráter de sua produção, que antes o “*made in China*” se referia a produtos de baixo valor agregado, de baixa especialidade tecnológica, agora existem marcas chinesas que competem com grandes aglomerados internacionais já estabelecidos e não se pode esquecer que em nível militar algumas das armas de longo alcance chinês estão entre as mais avançadas do mundo. Esse fruto é resultado de anos de pesquisa e investimento.

QUADRO 06 – GASTO EM P&D RELAÇÃO AO PIB

Ano	Gastos P&D (em milhões de NT\$)	Taxa Crescimento (%)	Valor gasto do PIB (%)
1991	\$ 81.765,00	14,3	1,73

1996	\$ 137.955,00	10,3	1,79
2001	\$ 204.974,00	3,72	2,02
2006	\$ 307.037,00	9,30	2,43
2007	\$ 331.777,00	8,10	2,47
2008	\$ 351.789,52	6,02	2,68
2009	\$ 368.184,99	4,66	2,84
2010	\$ 396.641,34	7,73	2,81
2011	\$ 416.223,90	4,94	2,91
2012	\$ 434.962,11	4,50	2,96
2013	\$ 459.548,65	5,65	3,02
2014	\$ 485.668,57	5,68	3,01
2015	\$ 513.096,89	5,65	3,06
2016	\$ 543.556,79	5,94	3,16
2017	\$ 576.708,82	6,10	3,30

FONTE: Chinese Bureau of Statistics

Nas últimas décadas é percebido um aumento do investimento em P&D na China, em 2017 chegando ao valor mais alto, de US\$ 18.570,02 milhões de investimento total (público e privado). A constância e a evidência de um plano de estado continuo se evidenciam aqui mais uma vez, com a progressão fixa de investimento em P&D, que mesmo após a crise de 2008 se manteve crescente a porcentagem do PIB que era direcionada para essa parte do orçamento. Por mais que os gastos não estejam discriminados, é importante ressaltar a importância que não somente uma valoração dos termos de troca, mas também a importância do avanço tecnológico e científico como maneira de maior inserção política na esfera internacional, uma vez que estar na fronteira tecnológica não somente aumenta a produtividade da nação, mas como também amplia a relação de dependência de outros países com o próprio (JABBOUR, DANTAS, 2017)

4.4 SOBRE O COMÉRCIO EXTERIOR

Nos últimos anos o comércio exterior teve um papel essencial na trajetória da economia chinesa, assim como a mesma foi fundamental para o caminhar econômico mundial, a segunda economia do mundo, com expectativas de ser a primeira em 2027 (JP MORGAN, 2021) e tal fenômeno também se dá pelo tamanho que o seu mercado de 1,7 bilhões de pessoas representa para os países, assim como as sua própria capacidade produtiva, que evoluiu de uma economia exportadora de bens de baixo

valor agregado para uma das pioneiras em tecnologia e infraestrutura (JABBOUR, 2020) O próprio volume do saldo comercial chinês supera a economia de diversas nações.

Sendo responsável por aproximadamente 15% do volume de exportações mundial, é seguro assumir que as decisões tanto cambiais quanto produtivas chinesas têm alto impacto na geopolítica internacional. E por mais que não tenha uma tendência clara em seu volume de exportações, o seu volume de importações vem progressivamente reduzindo, o que pode representar uma decisão política e desenvolvimentista muito importante: basear cada vez mais a própria economia em medidas protecionistas, e um país com as dimensões da China, tomar essa decisão e postura, não é somente uma questão econômica, mas também política.

E se colocarmos a China em uma perspectiva comparada com as outras grandes potências exportadoras do mundo, esse número segue significativo. O *market share* chinês é o dobro do terceiro colocado (Alemanha) e é sempre pelo menos US\$ 1,000,000,000 maior do que o segundo maior colocado (EUA), por uma média de 2,5 pontos percentuais de diferença que não é o dobro de tamanho de mercado, como demonstra a tabela a seguir.

QUADRO 07 – MAIORES EXPORTADORES MUNDIAIS

País exportador	Volume de Exportações (US\$ Mil)	Porcentagem do volume mundial
-----------------	----------------------------------	-------------------------------

2014		
China	2,528,687	13.63 %
Estados Unidos da América	1,547,396	8.34%
Alemanha	1,404,205	7.57%
Japão	782,779	4.22%
França	601,615	3.24%
2015		
China	2,450,960	15.15%
Estados Unidos da América	1,427,803	8.83%
Alemanha	1,243,365	7.69%
Japão	713,259	4.41%
Coreia do Sul	545,882	3.37%
2016		
China	2,260,387	14.33%
Estados Unidos da América	1,369,206	8.68%
Alemanha	1,245,170	7.89%
Japão	726,310	4.60%
Coreia do Sul	526,561	3.34%
2017		
China	2,627,888	14.91%
Estados Unidos da América	1,480,308	8.40%
Alemanha	1,350,349	7.66%
Japão	784,328	4.45%
Coreia do Sul	612,043	3.47%
2018		
China	2,750,811	14.57%
Estados Unidos da América	1,573,643	8.34%
Alemanha	1,436,856	7.61%
Japão	807,965	4.28%
Coreia do Sul	601,732	3.19%

FONTE: WITS

Não somente o volume de exportações chinesas é surpreendente, como seu valor, que nos indica além do ganho por quantidade, há uma valoração real no valor agregado dos produtos da exportação chinesa. A relativa estabilidade chinesa não é surpreendente se comparada com a dos outros países, uma vez que grandes países exportadores têm uma tendência a não somente controlar uma parcela específica de

mercado, como também se estamos falando de nações com grande poderio político, a estabilidade será maior.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A polêmica Estado X Mercado sempre esteve presente para as Ciências Econômicas, especialmente nas linhas mais ortodoxas, colocando um como antagônico do outro, ou como se o Estado somente fosse capaz de agir em lugares que o mercado não conseguisse atingir. Tal discussão tem uma carga ideológica e política que a acompanha, não somente nos pressupostos de auto regulação do mercado, simetria de informações e agente racional, mas especialmente em até que ponto o Estado pode intervir diretamente na economia e em uma falsa separação entre economia (mais especificamente finanças) e sociedade.

A China se apresenta não somente como um país repleto de contradições, como também há a complementariedade entre elas. Seja no financiamento entre setores, ou na maneira em que a desigualdade social (especialmente entre campo e cidade) é utilizada para criar dinâmicas internas que se complementem. O Estado chinês se apresenta como um contraponto à trajetória de outros países do hemisfério sul, especialmente a América Latina, na transição do século XX para o século XXI; desde seu posicionamento perante acontecimentos políticos externos até ao seu modo de ser protecionista ao mesmo tempo que se torna o maior comerciante mundial.

5.1 RECOMENDAÇÕES PARA TRABALHOS FUTUROS

Estudar as políticas sociais chinesas e como elas afetaram a redução da desigualdade.

Analisar as mudanças chinesas em cenários de crise econômica e política.

A relação entre a expansão da Nova Rota da Seda e o mercado doméstico chinês.

REFERÊNCIAS

- ARRIGHI, Giovanni. (2007). *Adam Smith in Beijing*. 3. ed. New York: Verso.
- CARNEIRO, R., SARTI, F., & BALTAR, P. (2018). *Para além da política econômica*. São Paulo: SciELO-Editora UNESP.
- CASTRO, Demian. (2017) China e as conexões do desenvolvimento: questões de economia, sociedade e política. *Revista Tempo do Mundo*, Brasília, v. 3, n. 1, p. 37-82, jun./2017.
- DE CONTI, B., & BLIKSTAD, N. (2017). Impactos da economia chinesa sobre a brasileira no início do século XXI: o que querem que sejamos e o que queremos ser. *Texto para Discussão Unicamp-IE*, (292), 33 p.
- FAUSTO, Ruy. (2017). *Caminhos da esquerda: Elementos para uma reconstrução*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras.
- FEWSMITH, J. (2004). Promoting the scientific development concept. *China Leadership Monitor*, 11(30), 1-10. (Disponível em: https://www.hoover.org/sites/default/files/uploads/documents/clm11_jf.pdf . Acesso em agosto de 2021).
- FINANCIAL TIMES. *China wage rises bring a shift in production*. Disponível em: <https://www.ft.com/content/0b5b63de-d860-11e0-8f0a-00144feabdc0>. Acesso em: 12 nov. 2019.
- HUIMING, Jin. (2017). *Marxism and Socialism with Chinese Characteristics*. 1. ed. China: Gale Asia, 2017. p. 13-115.
- JABBOUR, E. (2012). *China Hoje: projeto nacional, desenvolvimento e socialismo de mercado*. São Paulo: Anita Garibaldi; Fundação Maurício Grabois; Paraíba: EDUEPB.
- JABBOUR, E. (2010). *Projeto nacional, desenvolvimento e socialismo de Mercado na China de hoje*. São Paulo: USP.
- JABBOUR, E., & DANTAS, A. (2021). Ignacio Rangel na China e a “Nova Economia do Projeto Nacional”. *Economia e Sociedade*, 30, 287-310.
- JABBOUR, E., & DANTAS, A. (2021). Ignacio Rangel na China e a “Nova Economia do Projeto Nacional”. *Economia e Sociedade*, 30, 287-310.
- JABBOUR, E., DANTAS, A., & ESPÍNDOLA, C. (2021). China and Market Socialism: A New Socioeconomic Formation. *International Critical Thought*, 11(1), 20-36.
- JABBOUR, Elias. (2020). *China Socialismo e Desenvolvimento: Sete décadas depois*. São Paulo: Anita Garibaldi.
- JABBOUR, Elias; DANTAS, Alexis. (2017). The political economy of reforms and the present Chinese transition. *Brazilian Journal of Political Economy*, Brasil, v. 37, n. 4, p. 789-807, out./2017.
- JINPING, Xi. (2020). *A governança na China*. Vols. 1 e 2. Rio de Janeiro: Contraponto.
- KORNBERG, Judith F.; FAUST, John R. (2005). *China in World Politics: Policies, Processes, Prospects*. 2. ed. Toronto: Lynnr Rienner.
- LEÃO, R. (2012). Economia Política da Transição Chinesa no Último Quartel do Século XX. *Revista Tempo do Mundo*, Brasília, v. 4, n. 3, p. 153-177, jan./2012.
- LEÃO, Rodrigo Pimentel Ferreira. (2010). *O padrão de acumulação e o desenvolvimento econômico da China nas últimas três décadas; uma interpretação*. 2010. 192 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Economia, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/286386>>. Acesso em: 16 ago. 2018.

- MEDEIROS, C. A. D., & MORAIS, I. N. D. (2011). Uma abordagem estruturalista das desigualdades de renda na China contemporânea. *Rev. Tempo do Mundo*, 3 (3): 99-121. Disponível em Repositório IPEA: <http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/6211>
- MOK, Ka Ho; QIAN, Jiwei. (2018). A new welfare regime in the making? Paternalistic welfare pragmatism in China. *Journal of European Social Policy*, [s.l.], v. 29, n. 1, p.100-114, 26 abr. 2018. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/0958928718767603>
- MORGAN, J. P. (2021). *China's path to becoming a higher income country*. Disponível em: <https://am.jpmorgan.com/br/en/asset-management/adv/insights/ltcma/the-next-phase-of-chinas-growth>. Acesso em: 2 mai. 2021.
- MUCHALAK, G. .; BRAGA, Lucia Moliani; CASTRO, D. .; LEÃO, I. Z. C. C. (2019). Socialismo ou capitalismo: o que a China tem a nos dizer?. *Ideias*, Campinas, SP, v. 10, p. e019005, 2019. DOI: 10.20396/ideias.v10i0.8656198. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/ideias/article/view/8656198>. Acesso em: 1 set. 2021.
- NAPOLEONI, L. (2011). *Maonomics: Why Chinese Communists make better capitalists than we do*. New York: Seven Stories Press.
- NATIONAL BUREAU OF STATISTICS. (2020). Diversos anos. Disponível em: www.stats.gov.cn. Acesso em: 17 dez. 2020.
- NOGUEIRA, I., BACIL, F., & GUIMARÃES, J. V. (2020). A caminho de um estado de bem-estar social na China? Uma análise a partir dos sistemas de saúde e de educação. *Economia e Sociedade*, 29, 669-692.
- NOGUEIRA, Isabela. (2011). Desenvolvimento Econômico, Distribuição de Renda e Pobreza na China Contemporânea . **tese doutorado**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 1-209, mar./2011.
- NOGUEIRA, Isabela. (2015). Desigualdades e políticas públicas na China: Investimentos, salários e riqueza na era da sociedade harmoniosa. *China em transformação*, Brasília, v. 1, n. 1, p. 237-277, dez./2015.
- NOGUEIRA, Isabela. (2018). Estado e capital em uma china com classes. *Revista de Economia Contemporânea*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, p. 1-23, jan./2018.
- NOGUEIRA, Isabela; BRAGA, J. V. G. E. J. P. (2018). Inequalities and Capital Accumulation in China: Desigualdades e Acumulação de Capital na China. *Centro de estudos sobre desigualdade e desenvolvimento*, Rio de Janeiro, v. 140, n. 1, p. 1-20, jan./2018.
- NONNENBERG, M. J. B. China: estabilidade e crescimento econômico. *Brazilian Journal of Political Economy*, Brasília, v. 30, n. 2, p. 201-218, jun./2010.
- OLIVEIRA, F. A. D. (2021). Piketty e as desigualdades no capitalismo: colocando alguns pingos nos is na análise de "O capital no século XXI". *Economia e Sociedade*, 30, 415-445.
- OUTRASMÍDIAS. *Como a China se afasta do Ocidente*. Disponível em: <https://outraspalavras.net/outrasmidias/como-a-china-se-afasta-do-ocidente/>. Acesso em: 3 nov. 2019.
- PIKETTY, Thomas; YANG, Li; ZUCMAN, Gabriel. (2019). Capital Accumulation, Private Property, and Rising Inequality in China, 1978–2015. *American Economy Review*, USA, v. 109, n. 7, p. 2469-2496, jul./2019.
- SACHS J. (2005). *O fim da pobreza*. Como acabar com a miséria mundial nos próximos 20 anos. São Paulo. Companhia das Letras

- SILVA, R. M. M. D; CUNHA, André Moreira. (2018). Desenvolvimento orientado à inovação: a estratégia da china para evitar a armadilha da renda média. **III ENEI**, Uberlândia, v. 3, n. 1, p. 1-20, set./2018.
- SOUZA, R. (2018). *Estado e capital na China*. Salvador: EDUFBA.
- STEPAN, M. (2008). The development of the Chinese Welfare State and the prospects of EU Policy Diffusion. 2007. 102 f. *Dissertação (Mestrado) – Curso de International Public Management And Public Policy*, Department Of Public Administration, Erasmus University Rotterdam, Rotterdam.
- STUENKEL, O. (2018). *O Mundo Pós-Occidental*. Potências Emergentes e a Nova Ordem Global.. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar.
- WONG, R. (2008). Historical Lessons About Contemporary Social Welfare: Chinese Puzzles and Global Challenges. Brooks World Poverty Institute Working Paper, University Of Manchester, v. 58, p.1-17, nov. 2008.
- XIAOPING, Deng. Selected Works: (V.2 1975-1982). 2. ed. Beijing: People's Press, 1993
- ZHANG, C. *et al.* (2009). *Promoting Enterprise-led Innovation in China*. 1. ed. Beijing: The World Bank.